



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

ANA DANIELLE BRITO DE SOUZA DUARTE

NAMORO E ADOLESCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

**Salvador-BA
2019**

ANA DANIELLE BRITO DE SOUZA DUARTE

NAMORO E ADOLESCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier

**Salvador-BA
2019**

Ficha Catalográfica. UCSal. Sistema de Bibliotecas

D812 Duarte, Ana Danielle Brito de Souza
Namoro e adolescência na contemporaneidade/Ana Danielle Brito de
Souza Duarte.____Salvador, 2019.
71 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família
na Sociedade Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier.

1. Namoro. 2. Adolescência 3. Família. I. Universidade Católica do
Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação II. Fornasier, Rafael
Cerqueira – Orientador III. Título.

CDU 316.356.2:159.922.8

TERMO DE APROVAÇÃO

Ana Danielle Brito de Souza Duarte

"NAMORO E ADOLESCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE"

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 16 de dezembro de 2019.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier
Orientador(a) - (UCSAL)



Prof.ª Dr.ª Ida Kublikowski - (PUC/SP)



Prof.ª Dr.ª Lúcia Vaz de Campos Moreira - (UCSAL)

RESUMO

A adolescência é uma fase marcada por grandes transformações na vida de uma pessoa. É durante este período que geralmente ocorrem as primeiras experiências de namoro dos jovens. Práticas afetivas como o ficar e o namorar são corriqueiras entre eles. O objetivo desta pesquisa é investigar as dinâmicas de namoro na adolescência e seus desdobramentos no contexto das relações familiares na atualidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que se serviu de um estudo de casos múltiplos realizado com oito adolescentes entre 15 a 17 anos, sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino, provenientes de escolas particulares da cidade de Salvador/BA. Foi utilizado como instrumento de pesquisa um roteiro de entrevista semiestruturado elaborado pela mestranda. Constata-se que, antes de ser oficializada a relação de namoro, os adolescentes vivenciam a experiência do ficar caracterizada pela ausência de compromisso. Os participantes demonstraram ter experiência em relação ao namoro considerando este tipo de relacionamento marcado pela intimidade, fidelidade e compromisso. Os adolescentes reconhecem a importância da família e relataram possuir um bom relacionamento com os pais e amigos após o namoro.

Palavras-chave: Namoro. Adolescência. Família.

ABSTRACT

Adolescence is a phase characterized by major transformations in a person's life. It's during this period that the first dating experiences of Young people usually occur. Affective practices like to hook up and dating are commonplace among them. The purpose of this research is to investigate the dynamics of dating in adolescence and the consequences in the context of family relations today. It's a qualitative research that used a multiple case study conducted with eight adolescents aged 15 to 17 years old, four male and four females, from private schools in the city of Salvador/BA. A semi-structured interview script prepared by the master student was used as research instrument. It can be seen that adolescents have shown experience with dating considering this relationship marked by commitment and fidelity. Teenagers recognized the importance of family and reported having a good relationship with parents and friends after dating.

Keywords: Dating. Adolescence. Family.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida;

Aos meus pais Cristina e Osvaldo por todo incentivo e persistência ao meu crescimento profissional;

Ao professor Dr. Rafael Cerqueira Fornasier que, com muita dedicação e competência me orientou nesta longa caminhada;

Aos professores que compartilharam sua sabedoria; em especial a professora Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira;

Aos adolescentes que partilharam suas experiências em prol desta pesquisa;

Ao meu marido Lucas e ao meu filho Lucas F. por toda paciência e amor durante este período;

As minhas queridas irmãs: Fernanda e Gabrielle por todo apoio e carinho;

A Fapesb pelo financiamento da pesquisa;

E a todos que, de alguma forma, contribuíram com esta construção.

Muito obrigada!

Do Seu Lado
(Jota Quest)

O amor é o calor
Que aquece a alma
O amor tem sabor
Pra quem bebe a sua água
Eu hoje mesmo quase nem lembro
Que já estive sozinho
Que um dia seria seu marido
Seu príncipe encantado
Ter filhos, nosso apartamento
Fim de semana no sítio
Ir ao cinema todo domingo
Só com você do meu lado
Mas tudo que acontece na vida
Tem um momento e um destino
Viver é uma arte, é um ofício
Só que precisa cuidado
Pra perceber
Que olhar só pra dentro
É o maior desperdício
O teu amor pode estar
Do seu lado

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	REVISÃO DE LITERATURA: ADOLESCÊNCIA	8
2.1	MARCO LEGAL E INSTITUCIONAL SOBRE ADOLESCÊNCIA.....	8
2.2	BREVE HISTÓRIA DA ADOLESCÊNCIA.....	9
2.3	CONCEITOS E SIGNIFICADOS DE ADOLESCÊNCIA E ADOLESCENTES.....	10
2.4	UMA PESQUISA COM ADOLESCENTES.....	12
2.5	A BUSCA PELA IDENTIDADE.....	13
2.6	RELAÇÕES FAMILIARES ENTRE ADOLESCENTES E SEUS PAIS.....	15
2.7	ADOLESCÊNCIA E PUBERDADE.....	17
2.8	ADOLESCÊNCIAS E CULTURAS.....	19
3	NAMORO E ADOLÊSCENCIA NA CONTEMPORANEIDADE	22
3.1	BREVE HISTÓRIA DAS RELAÇÕES AFETIVO-FAMILIARES E O NAMORO NO BRASIL.....	23
3.2	NAMORO EM MUDANÇA.....	27
4	MÉTODO	40
4.1	DELINEAMENTO.....	40
4.2	PARTICIPANTES.....	40
4.3	INSTRUMENTO.....	41
4.4	PROCEDIMENTOS.....	41
4.5	ANÁLISE DE DADOS.....	42
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	43
5.1	DESCRIÇÃO DOS ADOLESCENTES.....	43
5.2	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	44
5.2.1	Concepção de namoro.....	45
5.2.2	Diferença entre namorar e ficar.....	46
5.2.3	Experiência de namoro.....	48
5.2.4	Início do namoro.....	48
5.2.5	Concepção da família.....	50
5.2.6	Comportamento da família em relação ao namoro.....	51
5.2.7	Amizades e namoro.....	53

5.2.8	Escola e namoro.....	54
5.2.9	Perspectivas do namoro.....	56
5.2.10	Concepção de casamento.....	57
5.2.11	Perspectivas de casar e ter filhos.....	57
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS	62
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	68
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	69
	APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	70

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase conhecida por grandes transformações tanto físicas quanto psicológicas na vida de uma pessoa. É a transição de um período tido como tranquilo como a infância para uma etapa muito importante, um caminhar à vida adulta, que geralmente é marcada por conflitos relacionados, sobretudo, pela formação da identidade (ALVES, 2008). “Na adolescência, o corpo encontra-se em um processo de profundas transformações. Ao final dessa fase, o jovem terá um novo corpo, diferente daquele da infância com o qual aprendeu a lidar” (STENGEL, 2003, p. 116). Neste contexto, diante de tantas mudanças, inseguranças e novidades na vida desses jovens, muitos adolescentes reagem a essa fase com comportamentos diferentes. Alguns agem com naturalidade, sem muitas “tormentas”; outros passam por momentos difíceis de aceitação do próprio corpo, questionamentos na busca pela afirmação da personalidade e identidade ou por não mais aceitar ou obedecer às regras estabelecidas pela família.

O conceito de adolescência, diferentemente do de puberdade, não é compreendido de forma universal na literatura. Alguns autores, como Bock (2011), Stengel (2003) e Clímaco (1991), consideram que a adolescência trata-se de um fenômeno fruto da construção social, ou seja, proveniente das sociedades modernas, delineado e significado pelos homens para atender à demanda social em razão da necessidade de postergar a entrada destes jovens no mercado de trabalho, exigindo deste grupo uma maior qualificação profissional.

As mudanças sociais em decorrência do desenvolvimento e urbanização das cidades engendraram um “novo comportamento” perante esse grupo etário dando maior ênfase, importância e preocupação a essa fase. Foi estabelecido e estimulado mais tempo depreendido aos estudos fazendo com que, de fato, adolescentes começassem a trabalhar mais tarde (essa realidade de aplica aos adolescentes de classe média que são sustentados pela família), ao passo que também foi aceito, tolerado ou considerado fazer parte da adolescência um comportamento arredo, questionador ou permeado de insatisfação por parte destes jovens.

Durante esta etapa é que normalmente se iniciam as experiências com as práticas afetivas com a revelação da sexualidade e descobertas de diferentes sentimentos como o desejo, amor e paixão (BECKER, 1994). “A adolescência é uma fase em que o indivíduo começará a viver de maneira mais plena a sua afetividade e testar diversas relações” (STENGEL, 2003, p.51). Condutas afetivas como o “pegar”, “ficar” e namorar são vivenciadas cada vez mais cedo pelos adolescentes. Os relacionamentos na

contemporaneidade são caracterizados pela brevidade, liquidez e o descarte (BAUMAN, 2004).

A família, que é entendida como meio de socialização primária do indivíduo na medida em que ela representa o primeiro meio socializador da criança, transmitindo os conhecimentos e valores básicos, colabora para a formação da identidade e personalidade da pessoa (BERGER; LUCKMANN, 2014). Nesta fase, por vezes não sabe como agir diante do comportamento dos filhos ou das vivências afetivas praticadas por eles. Como a família lida com os relacionamentos afetivos dos filhos? O que estes adolescentes consideram ser namoro atualmente?

Nesse processo de transformação, como é o comportamento dos adolescentes em relação aos pais e amigos? “A família e os amigos dos adolescentes aparecem como coadjuvantes na encenação das relações afetivas, mas com papel fundamental” (STENGEL, 2003, p. 20). Nessa fase, é comum que porventura surjam alguns conflitos resultantes das mudanças comportamentais tanto dos jovens quanto da sociedade.

Destarte, a relevância do estudo sobre as dinâmicas familiares decorrentes das experiências de namoro dos adolescentes integrantes dos agrupamentos familiares na atualidade é justificável, haja vista que os costumes e hábitos tradicionais tendem a sofrer mudanças provenientes das dinâmicas sociais modernas, ao passo que alteram a natureza da vida social cotidiana e afetam aspectos pessoais das existências dos indivíduos (GIDDENS, 2002).

Este tipo de estudo colaborará para a compreensão das experiências provenientes dos fenômenos sociais delimitados nas famílias na contemporaneidade. Cabe ressaltar que a utilização do método científico, neste íterim, facilitará para a exploração objetiva e sistematizada dos dados de realidade (CRESWELL, 2010). Considerando que os desdobramentos resultantes das negociações intergeracionais articuladas às práticas afetivas empreendidas pelos jovens na contemporaneidade constituem um fenômeno recente, tal iniciativa contribuirá para explorar, descrever e compreender os significados que os participantes atribuem às suas ações. Por isso, o presente trabalho tem como objetivo geral investigar as dinâmicas de namoro na adolescência e seus desdobramentos nas relações familiares contemporâneas; e por objetivos específicos: a) Investigar como os adolescentes estabelecem as relações de namoro; b) Conhecer a concepção de namoro para os adolescentes; c) Pesquisar sobre as perspectivas futuras dos jovens em relação ao namoro; d) Estudar como as relações familiares se desdobram em relação ao namoro.

2 REVISÃO DE LITERATURA: ADOLESCÊNCIA

2.1 MARCO LEGAL E INSTITUCIONAL SOBRE ADOLESCÊNCIA

A adolescência não é delimitada com precisão em razão da idade, tendo em vista que existe uma variação e uma plasticidade adotada pela legislação e Organizações Internacionais. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA Lei 8.069, de 1990 (BRASIL, 1990) em seu artigo 2º estabelece ser adolescente quem se encontra na faixa etária entre 12 a 18 anos de idade incompletos. Já a Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelece como limite cronológico da adolescência a faixa etária entre 10 e 19 anos e, por sua vez, a Organização das Nações Unidas (ONU) prevê a adolescência entre 15 e 24 anos (BRASIL, 2007). Essa imprecisão em face da idade da adolescência faz com que alguns autores como Outeiral (1994) entendam que a abrangência dessa fase decorra até que a maturidade e a responsabilidade social sejam adquiridas.

É importante esclarecer que o conceito de adolescência não é sinônimo do conceito atribuído a juventude. Apesar de ser entendido também como fruto da construção social e apresentar diferentes fundamentos para a sua definição (PICIRILLI, 2019), a juventude é compreendida como um conceito mais abrangente do que a adolescência, de acordo com a ONU (2004), não se caracteriza pela tentativa de ser delimitada em razão da idade, mas por outros elementos ou questões que se relacionam às mudanças biológicas, psicológicas, diferenças entre classes sociais, cultura, gênero entre outros fatores (SOUZA; PAIVA, 2012).

No entanto, apesar de a definição de juventude não se atrelar à idade, a Assembléia Geral das Nações Unidas estabelece, para a América Latina, que os indivíduos que possuam entre 15 e 24 anos de idade (UNESCO 2004) sendo esta delimitação adotada no Brasil até 2005, tendo em vista que a Secretaria Nacional de Juvenil (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) utilizam a faixa etária para este grupo dos 15 a 29 anos fazendo a seguinte distribuição em grupos: 15 a 17 anos – jovem adolescente; 18 a 24 anos – jovem-jovem; 24 a 29 anos – jovem adulto (SOUZA; PAIVA, 2012). Esta delimitação em faixas etárias é importante para que sejam estabelecidas pesquisas e políticas públicas beneficiando esse grupo (KUBLIKOWSKI, 2018). Assim, no ano de 2013, foi sancionada a Lei nº12.852 (BRASIL, 2013) que estabelece as políticas públicas da juventude e os direitos atribuídos aos jovens.

De acordo com Souza e Paiva (2012), citando Quiroga (2005), a juventude não consiste em um fenômeno meramente demográfico. Trata-se de uma complexa condição social, que influencia e é influenciada pelas diferentes culturas e possui uma condição dinâmica e mutável ao longo do tempo, de acordo com as transformações da sociedade. Não se pode falar de uma juventude universal visto que não consiste de um fenômeno que está posto em qualquer lugar e tempo, sem implicações sociais.

2.2 BREVE HISTÓRIA DA ADOLESCÊNCIA

Para entender melhor esse assunto se faz necessário um breve retorno ao passado. De acordo com Ariès (1981), a adolescência levou muito tempo para ser conhecida como é atualmente. A infância era mais curta e quando a criança apresentava uma desenvoltura física, com uns sete, nove anos era levada para casa de outros parentes para que assim aprendesse um ofício. As crianças eram chamadas de aprendizes e isto ocorreu até o final do século XV. No século XVIII, a adolescência ainda não existia como fase do desenvolvimento humano e passava “despercebida” após a infância, como explica Ariès (1981, p. 10): “de criancinha pequena ela se transformava imediatamente em homem jovem sem passar pelas etapas da juventude”. O advento da adolescência como idade autônoma ocorre apenas ao final da primeira Guerra Mundial, período em que o adolescente passou a ter prerrogativas como ações voltadas para a área da educação, da política e da sociedade, ocupando espaço no mercado de consumo (LEPRE, 2016).

É somente no século XX que o sentido hegemônico de adolescência emerge, manifestando uma combinação de “pureza provisória, força física, espontaneidade e alegria de viver, o que tornou o adolescente o herói do século XX - o século da adolescência”. (LEPRE, 2016, p. 2). A sociedade, desde então, passa a demonstrar interesse no adolescente.

No entanto, é preciso destacar que este conceito de adolescência apresentado como típico não é entendido de forma unânime pelos autores. Alguns deles entendem que a adolescência é fruto de uma construção social, determinada pela necessidade de postergar a entrada desses jovens ao mercado de trabalho. Bock (2011), Domingues e Alvarenga (1991) e Climaco (1991) afirmam que a adolescência é um “fenômeno das sociedades modernas”, que teve sua origem no final do século XIX e início do século XX, com o aumento da vida urbana e da indústria. Sendo assim, eles entendem a adolescência como um momento “construído, interpretado e significado” pelos homens como uma “latência social” para justificar esse

adiamento ao mercado de trabalho desses jovens, exigindo deles um maior tempo escolar e uma maior qualificação.

Frota (2007, p. 146) descreve que:

Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. Um mito, inventado no começo do século 20, que vingou, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial.

Larson (2002) também concorda com este entendimento ao defender que a adolescência é uma criação ocidental que ocorreu por volta do final do século XIX e início do XX em decorrência do desenvolvimento da educação e da urbanização, visando afastar os jovens do mercado de trabalho.

2.3 CONCEITOS E SIGNIFICADOS DE ADOLESCÊNCIA E ADOLESCENTES

Adolescer vem do latim e significa ad (para) olescer (crescer), ou seja, diz respeito ao processo de crescimento do indivíduo, período caracterizado por grandes mudanças na vida das pessoas, transformações tanto físicas quanto psicológicas, demarcadas por sentimentos de inseguranças, incertezas e autoafirmação (BECKER, 1994). Dolto (2004, p. 42) descreve que “o tempo da adolescência é todo ele entrecortado de imensas alegrias e de sofrimentos tão repentinos quanto passageiros”. Para Picirilli (2019, p. 10), “adolescência pode ser definida como mais um processo, dentre tantos outros, que envolve movimentos de transição do ser humano. Também pode ser compreendida enquanto uma fase ou um período localizado entre a infância e a vida adulta”.

Lepre (2016), ao explicar essa fase da adolescência, a caracteriza muito bem ao descrever as transformações surgidas neste período como o estirão (crescimento rápido), aparecimento de pelos pubianos, mudanças na voz dos garotos, aumento dos seios das meninas, variações hormonais, manifestação da sexualidade e mudanças também no comportamento como uma aparente rebeldia, momentos de isolamento ou necessidade de andar com um grupo, diferentes formas de se vestir e falar, ideias “megalomaniacas”, ocorrência de depressão, tristeza ou exaltação e perdas de algumas referências.

De acordo com Del Ciampo e Del Ciampo (2010), a adolescência se caracteriza pelas mudanças biológicas, sociais e emocionais ocorridas na segunda década de vida, no momento que o jovem passa a exercer condutas e comportamentos diferentes do anterior, sobretudo em relação a sua autonomia e rotina. É durante esta fase que a pessoa tem as “suas primeiras experiências afetivo-sexuais e caminha para o mundo adulto. As relações afetivas participam da organização da vida dos adolescentes e da construção de sua identidade psicossocial” (STENGEL, 2003, p. 22).

Para Carvalho, Salles e Guimarães (2003), a adolescência não se limita ao entendimento de ser uma fase entre a infância e a vida adulta. Trata-se de um período de desenvolvimento em que as mudanças corporais acarretam grande repercussão na formação da auto-imagem do corpo do adolescente que pode ter sofrido influências dos momentos vividos no passado, refletindo na forma como o adolescente venha a se aceitar e se enxergar como uma pessoa atrativa ou não, por exemplo, seguindo uma compreensão de si mesmo, por vezes contraditória, da que é realmente.

As mudanças físicas geram um grande impacto na vida dos jovens suscitando questões psicológicas. Os jovens se preocupam mais com as características físicas do que com outras (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006). Como explica Becker (1994, p. 25):

O adolescente é, em geral, muito sensível à sua imagem corporal. Problemas como obesidade, uso de óculos, acne, excesso de pêlos (sic), aumento passageiro dos mamilos (nos homens), seios muito grandes ou muito pequenos (nas mulheres), etc., podem fazê-lo sentir-se desvalorizado e levá-lo à inibição e até a depressão. Nesses casos é preciso ajudá-lo e orientá-lo, mostrando também que a maioria desses problemas é transitória ou solucionável.

De acordo com Dolto (2004, p. 54), “os defeitos de ambos os lados se equilibram, se neutralizam. Ser dois dá segurança. Os jovens preferem aparecer em público com seu semelhante em desgraça para vencer sua ansiedade, seu mal-estar”. Ou seja, os adolescentes preferem estar sempre acompanhados por seus pares etários tendo em vista que, geralmente, apresentam as mesmas inseguranças físicas, como por exemplo, problemas relacionados à acne ou quanto à aceitação das mudanças do corpo.

Dolto (2004) explica, ainda, que as pessoas que convivem com os adolescentes têm uma função de grande importância não apenas na educação (mesmo que não seja sua obrigação direta), mas, além disso, no tipo de influência que elas exercem sobre esses jovens. As interações com os pares fortalecem as suas identidades, desenvolvendo confiança e

coragem para superar suas dificuldades, bem como podem produzir ressonâncias negativas, colaborando para que eles desenvolvam tristeza e depressão, conforme assinala Dolto (2004, p.15): “hoje muitos jovens a partir de onze anos conhecem estados de depressão gratuitos”.

2.4 UMA PESQUISA COM ADOLESCENTES

Para explicar e exemplificar essa fase da adolescência nada melhor do que conhecer como os próprios adolescentes entendem e consideram esse período. Sendo assim, os dados empregados aqui fazem parte de uma investigação da qual participamos e que foi realizada na disciplina Contextos Familiares: vínculos de identidade e pertencimento, em 2017, do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. A pesquisa “Adolescência: pertencimento, inseguranças e desafios – estudos de casos múltiplos”¹, desenvolvida e coordenada pelos professores Drs. Lúcia V. C. Moreira, Elaine Rabinovich e Rafael C. Fornasier teve por objetivo descrever, segundo a ótica dos adolescentes, como vivenciavam esse estágio de vida, focalizando os aspectos agradáveis e desagradáveis deste momento da sua trajetória. O estudo foi constituído a partir de entrevistas realizadas com 04 adolescentes de 13 a 17 anos, que residiam em bairros de classe média da Região Metropolitana de Salvador.

No Roteiro de Entrevista, utilizado nesta pesquisa, havia uma pergunta específica a respeito da percepção da adolescência para os jovens. As respostas dos participantes apresentam características associadas aos dilemas da transição, conforme são apresentadas nos trechos das falas a seguir: “é uma fase da vida entre a infância e a fase adulta que acontecem mudanças em que as pessoas sentem coisas diferentes” (Lyege, 14 anos); “uma fase muito complicada da vida que passa por muitas transformações no corpo” (Fernando, 14 anos); “período de crise dos 13 aos 18 anos que você tem que se preocupar com seu futuro, é ter algumas responsabilidades que você não tinha antes” (Elmar, 15 anos); “adolescência é uma transição, na infância você é seus pais, na adolescência você vai questionando porque o que meu pai falou está certo? É um período de mudanças que você está começando a se conhecer como você é” (Andrea, 14 anos).

Desta forma, de acordo com as falas produzidas por meio das entrevistas dadas pelos adolescentes mencionados anteriormente, a adolescência para estes jovens fica caracterizada

¹ O texto foi produzido em co-autoria com Mariane Lessa dos Santos Ribeiro e apresentado como avaliação parcial da referida disciplina. Os dados dessa pesquisa auxiliaram na produção do texto intitulado “Adolescente e sua adolescência: família, escola e sociedade”, produzido pelos professores Drs. Lúcia V. C. Moreira, Elaine Rabinovich e Rafael C. Fornasier, e publicado em 2018.

como uma fase adaptativa desafiante entre a infância e a fase adulta, marcada por transformações corporais, aquisição de mais responsabilidades e a busca da própria identidade.

Sendo assim, entende-se que este período do desenvolvimento humano apresenta características típicas como: as crises de identidade que ocorrem entre a infância e maturidade adquirida pelo jovem, a decisão de escolha de uma profissão, o desejo de autonomia, o início da vida sexual, conflitos familiares, transformações hormonais aliadas a uma interpretação de mundo e a necessidade de agir com novos papéis e responsabilidades do jovem na sociedade, como sujeito que deseja e possui conceitos próprios da realidade e ainda, principalmente pela reconstrução e formação da identidade (ALVES, 2008).

De acordo com Frota (2007, p. 154), “o pai da Psicologia da Adolescência Stanley Hall, defendia que a adolescência era a ‘retirada dramática das crianças do paraíso da infância, constituindo-se por períodos de crises, tempestades e tormentas’”.

Neste sentido, Knobel (1989, p. 29) intitulou como “síndrome normal da adolescência” alguns sintomas que são tidos como comuns nessa fase, a exemplo da busca de si mesmo ou da identidade, a tendência a andar em grupos, a necessidade de intelectualizar ou fantasiar, crises religiosas, evolução sexual manifesta, presença de atitudes sociais reivindicatórias, contradições e manifestações de condutas, separação progressiva dos pais e constantes flutuações de humor.

2.5 A BUSCA PELA IDENTIDADE

A busca da identidade ou crise de identidade do adolescente é muito comentada e acolhida por alguns autores como Papalia (2006) e Carvajal (1996). Todavia, foi Erikson (1976), baseado na Psicologia Social, que apresentou uma compreensão consistente sobre a adolescência, identificando-a como a quinta de oito etapas psicossociais, da puberdade e adolescência: identidade versus confusão de papel (MOREIRA; RABINOVICH; FORNASIER, 2018, p. 25-26). De acordo com Bock (2007), explicando a teoria de Erickson (1976), o objetivo principal de cada etapa é o desenvolvimento de uma qualidade específica do ego sendo que a principal tarefa na etapa em questão é desenvolver a identidade, adaptando o sentido do eu às mudanças físicas da puberdade e desenvolver uma identidade sexual madura.

Desta forma, o período da adolescência é caracterizado por eventuais “confusões de papéis” e “dificuldades” para se obter a própria identidade. É um momento em que o ser humano vivencia a tentativa de se encontrar diante da identidade dos outros com o intuito de formar sua própria identidade, aproximando-se dos iguais e perdendo algumas referências, o que lhe pode causar angústia, dificuldade de se relacionar e conflitos de valores (BOCK, 2007).

Como explica Carvalho, Salles e Guimarães (2003, p. 37):

A construção da identidade dos adolescentes é contraditoriamente uma identidade individual e uma identidade coletiva. O adolescente precisa do grupo que precisa do adulto, precisa de referências; mas ele precisa diferenciar-se, construir sua própria identidade. Tornar-se adolescente é viver cercado por profundos conflitos. Novos e diferentes ritmos, tempos, espaços e presença na sociedade e na cultura.

Adolescência, assim, é compreendida como uma etapa de grande relevância para a formação da identidade de uma pessoa, tendo em vista que o jovem não tem sua identidade e seus papéis prontos e determinados. O contexto social e o processo psicológico pelo qual o jovem está inserido contribuem para a constituição da identidade. Apesar do “processo de construção da identidade” ser formado durante toda a vida de uma pessoa, a fase da adolescência é considerada um período crítico e primordial para a sua constituição (STENGEL, 2003, p. 19).

Para Aberastury (1983), a identidade do adolescente possui múltiplas identificações contemporâneas e divergentes e enquanto essa diversidade for mantida, o adolescente não pode abrir mão dos seus próprios aspectos e não pode resumir os que serão absorvidos. Neste sentido, é esperado do adolescente que ele equilibre as contradições que ele vivencia para que possa sair da sua crise tendo encontrado uma identidade coerente.

Para Stanley Hall (1904 apud PAPALIA; OLD; FELDMAN, 2006), a adolescência é uma etapa marcada por “tormentos e conturbações” vinculadas à emergência da sexualidade. Ela seria comparada a um “segundo nascimento”, em que o ser humano teria a oportunidade de repassar por todos os estágios anteriores e obter por isso o ápice do seu desenvolvimento. Além disso, essa seria uma fase caótica e difícil, devido à velocidade com que se dão as transformações. Neste sentido, Papalia, Old e Feldman (2006, p. 463) afirmam que “a adolescência é uma época de oportunidades e riscos em que os adolescentes estão no limiar do amor, da vida e da participação na sociedade adulta”.

2.6 RELAÇÕES FAMILIARES ENTRE ADOLESCENTES E SEUS PAIS

Durante a adolescência, é comum a ocorrência de afastamentos dos vínculos com os pais e maior aproximação dos amigos, favorecendo o engajamento em grupos sociais (TIBA, 2005). Fenwick e Smith (1996) entendem que no momento em que os jovens vão adquirindo maturidade, gradativamente eles vão perdendo o interesse pelas práticas e programações familiares e optam pela companhia dos amigos. Dolto (2004, p. 21) corrobora esta ideia ao afirmar que “o adolescente é atraído por pequenos grupos de jovens de mais idade que ele e nos quais tenta se imiscuir. E dessa forma vai entrar em sua adolescência saindo da família e se misturando a grupos constituídos”. Pode ocorrer de o adolescente começar a analisar os pais de maneira mais crítica agindo de forma que venha a desvalorizar e agredir a própria família (BECKER, 1994). É comum que aconteçam conflitos entre pais e filhos durante esse período, tendo em vista que nem todos os pais compreendem essa fase de forma natural, por vezes interpretando como algo que venha a abalar a estrutura da família. No entanto, segundo os autores, é apenas um momento que o adolescente abrande os vínculos familiares para aumentar a sua relação com o outro grupo. A este respeito, conforme explica Stengel e Friche (2018, p. 209):

Os pais não são mais reconhecidos como modelos e heróis, e o adolescente busca diferenciar do seu par parental para alcançar sua autonomia, frequentemente rejeitando-os e substituindo-os por outros modelos idealizados e/ou pelo seu grupo social de pares.

Com o intuito de obter maior liberdade e autonomia em relação aos seus pais, os adolescentes procuram refúgio em seus quartos e se isolam do restante da família. Se por um lado eles desejam se distanciar de seus pais para que possam “construir seu mundo particular”, por outro eles procuram se aproximar de seus iguais através do uso das redes sociais. Na atualidade, através das telas dos computadores, os adolescentes se comunicam com um grande grupo de pessoas expondo as suas vidas através de fotos ou publicações. Este ambiente é “o lugar próprio de pertencimento do adolescente contemporâneo” (STENGEL; FRICHE, 2018, p. 214).

As considerações de Papalia, Old e Feldman (2006, p. 480) são pertinentes enquanto identificam que “o período da adolescência é chamado de época de rebeldia adolescente, envolvendo turbulência emocional, conflito com a família, alienação da sociedade adulta,

comportamento imprudente e rejeição dos valores dos adultos”. De acordo com estes autores, a ideia de rebeldia pode estar associada à premissa apresentada por Stanley Hall (1904-1916) que sugere que à medida que os jovens se esforçavam para se adequarem em seus corpos em mudanças aliadas às exigências da fase adulta, começavam a viver por um período de “tormenta e estresse”.

Nesta fase, os pais devem agir de forma flexível moderando sua autoridade parental, dando aos filhos certa autonomia para que eles possam, assim, adquirir sua própria identidade (ABERASTURY; KNOBEL, 1981). Utilizar da violência, autoritarismo e até mesmo a falta de limites, realizando todos os caprichos, pode causar prejuízos para o desenvolvimento da personalidade do jovem. É importante que exista um equilíbrio e uma postura mais transigente entre pai e filhos para que se obtenha um relacionamento mais amistoso na família (BECKER, 1994).

Neste sentido, se faz notar que o relacionamento entre pais e filhos vem passando por muitas mudanças e conquistas, revelando que no lugar de antigos modelos baseados na autoridade e disciplina percebe-se a adoção de posturas mais abertas a negociações e tolerância (KALOUSTIAN, 1994).

Conforme as sugestões de Carvalho, Salles e Guimarães (2003), quando é dada oportunidade para o jovem manifestar a sua própria opinião, seja concordando ou discordando, é oferecida a possibilidade de o jovem desenvolver sua autoconfiança. Isto pode influenciar positivamente no aprendizado e defesa de seus posicionamentos e reflexões, diferenciando-se do grupo e se definindo como indivíduo.

Todavia, ocorre também que atualmente, de acordo com Stengel e Friche (2018, p. 209), os pais dos adolescentes já não exercem as mesmas funções perante a família por estarem dedicados aos seus próprios projetos de vida:

[...] os pais dos adolescentes já não ocupam as mesmas funções e nem desempenham os mesmos papéis na vida familiar, já que se encontram empenhados em seus projetos singulares de vida. A fluidez das funções parentais, assim como o enfraquecimento das barreiras geracionais, a atenuação dos marcadores hierárquicos, com conseqüente fragilização da autoridade parental, e o crescente valor atribuído à juventude dificultam que os adolescentes e seus pais obtenham sucesso em suas tarefas desenvolvimentistas.

Neste sentido, verifica-se que os pais ainda não conseguiram encontrar um equilíbrio entre o tempo dedicado aos seus projetos individuais e o tempo necessário para atender aos

cuidados com os filhos repercutindo em consequências negativas nas relações familiares gerando até mesmo uma espécie de vazio na vida dos adolescentes (BIRMAN, 2011).

Sendo assim, o relacionamento entre pais e filhos tem passado por reconfigurações e desafios, haja vista as atitudes individualistas e a dedicação a projetos pessoais priorizados pelos pais, favorecendo o “enfraquecimento nas relações familiares, colaborando para a existência de comportamentos emocionais mais instáveis por parte dos adolescentes” (STENGEL; FRICHE, 2018, p. 221).

2.7 ADOLESCÊNCIA E PUBERDADE

Continuando a explicar a adolescência, essa fase, como foi mencionado, entendida como a passagem da infância para a adultez. Sendo que o seu início e fim não são delimitados de forma exata nas sociedades ocidentais, tendo sua duração de quase uma década: entre os 11 e os 20 anos (PAPALIA, OLDS; FELDMAN, 2006). Para Dolto (2004), ao invés de colocar os adolescentes no “topo da pirâmide das idades” é preferível estabelecer um consenso que atenda a um grande domínio para que sejam superadas as discordâncias entre as diversas áreas, como a Sociologia e Psicologia, por exemplo.

Berni e Roso (2014) comentam que esta falta de precisão ao classificar as faixas etárias do período entendido como adolescência faz compreender ou concluir que esta “categoria adolescência não é universal”, no entanto, reconhecem a importância desta delimitação no que tange à aplicação das políticas públicas, de forma que venham a atender aos anseios sociais específicos.

Campos et al. (1998) elucida que definir a adolescência não é um trabalho fácil, tendo em vista que os elementos biológicos próprios desta faixa etária são acrescidos das condições sociais e culturais típicas dessa fase. O adolescente está suscetível tanto às mudanças biológicas quanto às modificações da sociedade em diferentes áreas como, por exemplo, na tecnologia, nas comunicações e na ciência. É em meio à própria rotina e a estas transformações que o adolescente vai se construindo como sujeito.

Por sua vez, a puberdade é entendida como um fenômeno universal vivido por todos os indivíduos, tendo em vista que se caracteriza pelas mudanças biológicas, físicas e hormonais sofridas pelos adolescentes, representando o início da capacidade reprodutiva destes. Desta forma, é importante esclarecer que a puberdade não é sinônimo de adolescência, no entanto, a puberdade ocorre durante este período e tem sua durabilidade por cerca de dois a

quatro anos (LOURENÇO; QUEIROZ, 2010). Esclarecem os autores que puberdade é uma ocorrência biológica que diz respeito às alterações morfológicas e fisiológicas decorrentes dos dispositivos neuro-hormonais. Neste sentido, Dolto (2004, p.19) relata que:

[...] aos onze anos despertam as primícias de uma sexualidade que se anuncia com um componente imaginário muito forte, antes que o corpo entre em ação; corresponde isso no menino às primeiras ejaculações involuntárias de esperma, e entre as meninas às primeiras regras.

Palacios (1996, p. 265) explica que a puberdade é o “conjunto de modificações físicas que transformam o corpo infantil, durante a segunda década de vida, em corpo adulto, capacitando para a reprodução”. Já a adolescência é o período psicossociológico que se prolonga por vários anos, caracterizado pela transição entre a infância e a adultez. A puberdade revela, assim, a saída da fase infantil e a caminhada para um corpo adulto. No entanto, a puberdade não é sinônimo de adolescência, mas as duas representam um período muito importante durante esta fase de transição (PICIRILLI, 2019). Neste sentido, Stengel (2003) esclarece que a adolescência é “marcada” pela puberdade e que esta é um ato da natureza que acontece de forma universal. Por sua vez, a adolescência é entendida como um ato decorrente da cultura determinado pela sociedade.

De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2006), usualmente, acreditava-se que a puberdade e a adolescência se iniciavam ao mesmo tempo, por volta dos 13 anos, no entanto, profissionais da área de saúde de algumas sociedades modernas constataram que as alterações puberais têm ocorrido muito antes dos 10 anos de idade. Em relação às meninas, por exemplo, foi descoberto que fatores como a gordura corporal pode está associada à antecipação da puberdade, assim, “meninas com uma porcentagem de gordura corporal mais alta na segunda infância e aquelas que experimentam um ganho de peso incomum entre as idades de 5 a 9 anos tendem a apresentar um desenvolvimento puberal mais precoce” (PAPALIA; OLDS; FELDEMAN, 2006, p. 388).

Papalia, Olds e Feldman (2006) refletem, ainda, que, apesar da puberdade ter se iniciado mais cedo do que antes, o início da vida profissional dos jovens, ao contrário, tem ocorrido mais tarde, tendo em vista a exigência social de uma maior qualificação deste grupo. Explicam os autores: “a puberdade começa mais cedo do que antes; e o início da vida profissional ocorre mais tarde, frequentemente requerendo períodos mais longos de educação ou treinamento profissional” (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006, p. 386).

O prolongamento de tempo nos estudos pode repercutir na conquista da independência financeira, causando maior permanência desses jovens à casa de seus pais, ficando conhecida, para uma parte da mídia e da academia, como uma geração “canguru” (termo aplicado por alguns autores àqueles jovens adultos que ainda não saíram das casas dos pais), expressão usada em analogia ao desenvolvimento biológico do mamífero australiano e à relação familiar na qual o jovem adulto adia a saída da casa de seus pais (MULLER; ALCÂNTARA, 2018).

2.8 ADOLESCÊNCIAS E CULTURAS

Os estudos realizados pela antropóloga Margareth Mead de 1925 a 1933 sobre alguns povos nativos dos Mares do Sul, na Ilha de Samoa, indicam que os adolescentes daquela região passam por essa fase de forma muito natural, tranquila e sem conflitos, realizando atividades domésticas, recebendo tarefas mais complexas, aumentando o grau de responsabilidade à medida que crescem (BECKER, 1994).

Em sua obra “Adolescencia y cultura em Samoa”, Mead (1939) faz comparações do adolescente de Samoa com o adolescente da sociedade moderna, refletindo sobre as diferenças entre eles em termos da quantidade de escolhas que são permitidas para cada pessoa. Os adolescentes modernos têm a possibilidade e são livres para optar por muitas coisas como, por exemplo, a religião, a política ou códigos morais. Os adolescentes de Samoa, por viverem em uma civilização primitiva, não têm essa variedade de escolha, no entanto, passam da infância para a vida adulta de forma muito natural.

Por sua vez, na sociedade em que vivemos existe uma “descontinuidade” muito grande entre a infância e a fase adulta, o que colabora para que ocorram muitos problemas aos adolescentes (STENGEL, 2003. p. 24). Para Dolto (2014, p. 14), “o estado de adolescência se prolonga de acordo com as projeções que os jovens recebem dos adultos e de acordo com o que a sociedade lhe impõe como limites de exploração”. Segundo a autora, o fato de não existir no Ocidente soluções legais para que o jovem se torne independente dos pais contribui para essa sensação de insatisfação e confusões psicológicas prolongando esse período da adolescência.

Apesar de reconhecer a existência do comportamento dito como “normal” por parte dos adolescentes, alguns autores como Goffman (2004) e Ozella e Aguiar (2003) consideram-na como um “estigma” decorrente de um modelo de construção social, histórica e cultural criado no início do século XX, para atender os interesses sociais daquela época que são

perpetuados até hoje. Neste sentido, Bock (2007) afirma que a adolescência deve ser entendida como um grupo que foi construído socialmente a partir das demandas sociais que lhes concebem como pessoas enquanto são constituídos pela própria sociedade.

Berni e Roso (2014) concordam com esse entendimento ao afirmarem que adolescência foi instituída a partir dos anseios da sociedade moderna industrial e, desde então, passou a ser fortalecida por um universo de especialistas interessados nesse grupo.

Moreira, Rabinovich e Fornasier (2018) refletem, ainda, sobre a existência de “adolescências divergentes”, ao afirmarem que este intervalo entre a infância e a fase adulta vem se prolongando, sobretudo para os adolescentes que têm um suporte financeiro da família, existindo assim, distintos modos de se passar pela adolescência a depender da classe social pertencente. Os adolescentes que têm a condição financeira mais favorável têm a oportunidade de postergar a adolescência, se qualificando, se preparando mais para a entrada da fase adulta. Kublikowski (2018), citando Pais e colaboradores (2017), complementa afirmando que a condição social dos jovens ainda repercute nas escolhas para a vida que estas pessoas fazem.

Dessa forma, segundo Moreira, Rabinovich e Fornasier (2018), citando Larson e colaboradores (2002), existe uma necessidade de se compreender a adolescência utilizando uma nova visão mais global e diversificada. Mudanças globais como o crescimento populacional e as novas tecnologias, por exemplo, repercutirão na formação de um novo conceito de adolescência. Esses autores ainda afirmam que:

Uma direção comum destas mudanças, na maioria das sociedades, é um alongamento do período transicional adolescente, em que se está considerando os 30 anos iniciais de uma pessoa como fazendo parte deste período, em algumas sociedades ocidentais, no qual mais educação e desenvolvimento são necessários em um mundo adulto cada vez mais complexo e desafiador. (MOREIRA; RABINOVICH; FORNASIER, 2018, p. 24).

Toda essa repetição de comportamento, atitudes e sentimentos que foram engendrados no pensamento social faz com que esses “sintomas” sejam considerados realmente como típicos do adolescente. Tornando-se até mesmo esperado essas características de forma tão natural e comum pela sociedade. Entendemos que foi criada uma espécie de “rótulo” para estes jovens, sendo chamados até mesmo pejorativamente de “aborrecentes” por se aborrecerem ou se irritarem facilmente por qualquer motivo, denunciando como os adolescentes são vistos de forma negativa pelos mais velhos. (OLIVEIRA, 2019). A

adolescência se caracteriza como um período em que, a pessoa se torna “alguém muito chato”, que as pessoas têm dificuldade de se relacionar e que por vezes costuma criar confusões e que vivencia crises (FROTA, 2007). Entende-se, ainda, que “as imagens culturais negativas oferecidas ao jovem pela sociedade o tornam mais vulnerável, pois podem reforçar escolhas de risco” (KUBLIKOWSKI, 2018, p. 145).

Esta percepção em face dos adolescentes somente é modificada à medida que eles passam a ser vistos como indivíduos maduros quando deixam de questionar, de irritar, de criar conflitos e começam a atender aos ditames esperados pela sociedade demonstrando que já “se tornaram uma engrenagem do sistema” (OLIVEIRA, 2019).

Diante de todo o exposto, foi apresentado neste capítulo algumas percepções sobre o conceito da adolescência, e, resta a constatar que existe uma complexidade na abordagem da temática por parte dos diversos autores. “Os adolescentes têm muito em comum, mas cada um tem também um comportamento próprio, determinado pelo meio em que vive e pelas experiências interiores” (BECKER, 1994, p. 37). Ressalta-se que muitas concepções sobre a adolescência decorrem também das ideologias provenientes das instituições sociais que possuem o intuito da “manutenção do sistema ideológico”. Fazendo com que os jovens se sintam obrigados a conquistar esses padrões para que, assim, façam parte deste modelo. Todavia, vale salientar que este não é o único percurso que o adolescente pode percorrer se tratando apenas de uma opção (BECKER, 1994, p. 56). Na verdade, entendemos por sua vez que não é necessário que exista apenas um entendimento sobre determinado assunto, haja vista que concordamos com a perspectiva pós-moderna de que não existe um “pensamento absoluto, realidade cristalizada, esperando ser conhecida e domada”. Ao contrário, o pensamento pós-modernista pretende que o mundo e seu conhecimento sejam entendidos como decorrentes da construção social e que os seres humanos por sua vez, estejam inseridos na construção de significados ao invés de descobertas de verdades. Existindo nesse sentido várias realidades, de forma a reconhecer que o conhecimento não é único, ao contrário, possui uma multiplicidade (FROTA, 2007). Além do mais, é importante compreender que cada adolescente viverá essa fase da vida de maneira muito singular, mesmo reconhecendo a existência de similitudes provenientes das práticas sociais nas quais este grupo está inserido ou vivencia (PICIRILLI, 2019).

3 NAMORO E ADOLÊSCENCIA NA CONTEMPORANEIDADE

Como foi explicado anteriormente, a fase da adolescência é um período de muitas transformações na vida dos jovens, marcada por incertezas, inseguranças quanto ao corpo e expectativas para o futuro. É entendida como uma passagem da infância para a vida adulta, caracterizada pela busca da autoafirmação, identidade, mudanças nos hormônios e surgimentos de afetos socialmente significativos: como o amor, a paixão, o desejo e o prazer (BECKER, 1994).

É nesta fase que a descoberta da sexualidade revela-se, demarcada em processos de socialização com grupos identitários, que podem colocar em xeque aspectos associados às premissas adquiridas na socialização primária, constituída no seio das instituições familiares (BERGER; LUCKMANN, 2014). Neste sentido, assim como os adolescentes fazem planos sobre a vida profissional, também formulam projetos sobre a vida afetiva iniciando a vivência de relações amorosas que repercutem nas experiências até a fase adulta (STENGEL, 2003).

Sendo assim, no período da adolescência não é incomum o comportamento rebelde, contestador e a busca pela identidade destes jovens. Os adolescentes são influenciados por contextos distintos como a família, a rede social e a opinião dos amigos (BECKER, 1994). Questionamentos com horários, regras e valores são típicos desses jovens. Nessa fase, muitas famílias costumam passar por conflitos com seus filhos inclusive no momento das primeiras experiências sexuais (PRATTA; SANTOS, 2007).

É comum que os adolescentes vivenciem fortes impulsos ao identificarem-se com o grupo de pares que convivem ou que pretendem relacionar-se. Este fenômeno pode associar-se ao fato de que a semelhança com estas pessoas fazem minimizar inseguranças sentidas em face desse período de transição para a vida adulta. Desta forma, o adolescente estabelece relações que se aproximam da chamada “alma coletiva” (MAFFESOLI, 2006).

Conforme Bauman (2004), em seus estudos sobre os relacionamentos afetivos na sociedade contemporânea, as experiências de sociabilidade na “pós-modernidade”, relacionadas principalmente em aspectos vinculados ao consumo e hiperconectividade, apresentam características de brevidade, fluidez e instantaneidade. Os vínculos dos relacionamentos, por sua vez, apresentariam aspectos de “liquidez”, na medida em que se fundamentam sob a forma de laços sociais pouco estáveis, em detrimento das expectativas de laços fortes que eram submetidos à ordem social em meados do século XXI.

Por sua vez, Giddens (1991) faz uma relação entre a transformação da intimidade nos relacionamentos contemporâneos e os aspectos da modernidade, como por exemplo, a “preocupação com a auto satisfação” e “auto realização”, tendo em vista que o relacionamento tem sua durabilidade associada à satisfação que os parceiros obtenham para justificar a sua continuidade.

Portanto, é de se esperar que as lógicas sociais que governam os comportamentos dos indivíduos de gerações mais recentes podem entrar em conflito com as expectativas de indivíduos nascidos em períodos em que planos de vida e regras de sociabilidade apresentaram características mais estáveis. Como explica Becker (1994, p. 66): “é nesse mundo em crise e mutação, onde novos valores convivem com valores arcaicos e ultrapassados, e é nesse mundo confuso e contraditório que o adolescente de hoje deve achar sua identidade e seu papel”. Neste cenário, podem ocorrer possíveis conflitos no que tange as manutenções das relações afetivas provenientes de tais arranjos sociais, sobretudo em termos do que é denominado namoro, e o cumprimento de condutas pautadas em valores transmitidos pela família na contemporaneidade.

3.1 BREVE HISTÓRIA DAS RELAÇÕES AFETIVO-FAMILIARES E DO NAMORO NO BRASIL

De acordo com Stengel (2003), compreender um pouco sobre a evolução do casamento no decorrer da história facilitaria o entendimento das práticas relacionais estabelecidas entre os adolescentes. Sendo assim, faremos um breve retorno histórico sobre a família e o casamento no Brasil.

Na família brasileira, até meados dos anos 1960, havia preponderância de um modelo denominado “tradicional” de família, em que homens e mulheres exerciam papéis bem delimitados: aos homens atribuía-se o papel de provedor financeiro e autoridade sobre a família, ao passo que as mulheres responsabilizavam-se pelas atividades domésticas e a criação dos filhos (FLEXOR, 2015a).

A sociedade, em épocas em que esse modelo prevaleceu, era patriarcal e por isso era o pai que escolhia o cônjuge para seus filhos e filhas. O casamento representava o interesse econômico, social e político das famílias, ficando conhecido como casamentos arranjados. Ou seja, as uniões conjugais na família patriarcal eram constituídas pelos acordos das famílias, visando garantir a preservação da sua propriedade e de sua posição social (ARANTES, 2011).

Este comportamento social é decorrente de práticas adotadas desde a Idade Média como descreve Stengel (2003, p. 56):

O modelo de casamento indissolúvel data da Idade Média, até então era vigente o casamento com direito ao repúdio, ou seja, quando a um dos cônjuges não interessasse mais aquela aliança, poderia repudiar o parceiro e desfazê-la. É bom ressaltar que na prática, a mulher é quem era repudiada. As razões do repúdio variavam desde infertilidade no casamento até mudanças nos interesses familiares àquela união. Os casamentos eram um contrato, que comprometia a honra dos contratantes e das duas famílias, sendo antes de tudo um negócio de família.

De acordo com Stengel (2003), o repúdio foi sendo substituído pela estabilidade do casamento que passou, assim, a ser valorizado. O amor não tinha ligação ao casamento até então. Somente no final do século XVIII, a sociedade passou a associar o amor ao casamento: “pela primeira vez, o amor romântico vinculou a idéia da liberdade; ambos sendo considerados estados normativamente desejáveis. Baseia-se na escolha individual não em uma resposta social ao grupo” (STENGEL, 2003, p. 58). Como explica Giddens (1993), o casamento, no século XIX, deixa de ser efetuado apenas por interesses econômicos ou por vínculos familiares e passa a ser realizado com fundamentos no amor romântico e sexual. De acordo com o autor, o surgimento do amor romântico está relacionado ao lugar que a mulher ocupava na sociedade como uma imagem de mulher pura, esposa e mãe, imbutindo os princípios do amor romântico, assim, “o amor romântico era essencialmente um amor feminilizado” (GIDDENS, 1993, p. 53).

Sendo assim, no século XIX o modelo anterior foi substituído pelo amor romântico ainda que contivesse tradições patriarcais. O consentimento individual era considerado, mas desde que fossem obedecidos alguns critérios como a de classes sociais, por exemplo (AZEVEDO, 1986).

O namoro tradicional fazia parte de uma das fases que antecediam o casamento. Mesmo em diferentes grupos sociais, ao se constituir uma família, eram seguidas regras e tradições comuns àquela cultura. Existia uma espécie de “regras de namoro”. Inicialmente o namoro era secreto e mantinha-se em segredo principalmente das figuras masculinas representativas, como o pai e os eventuais irmãos mais velhos da moça, mas, existia certa convivência por parte das figuras femininas, como a mãe da jovem ou mesmo uma eventual empregada doméstica. Se os casos fossem descobertos pelas figuras parentais masculinas e considerados inconvenientes, havia a possibilidade do uso de autoridade para por fim ao relacionamento (AZEVEDO, 1986). Desta forma, o namoro tradicional passou a ser

reconhecido e foi derivado da revolução sexual no final do século XVIII na Europa. O sexo e o casamento passaram a ter um sentido mais afetivo, substituindo a sua antiga função social e da família. Os jovens passaram a dar mais atenção aos seus desejos individuais ao invés apenas de cumprirem apenas a vontade dos pais (AZEVEDO, 1986).

Assim, o surgimento do namoro romântico e casamento por amor passaram a fazer parte da sociedade por volta de 1850 demonstrando que o interesse do casal não mais era totalmente subordinado às perspectivas da família. O namoro à antiga começou a se enraizar no Brasil com a mudança da Corte portuguesa, com a constância de um grande número de barcos de diferentes nações, abertura dos portos em 1808 e ida para Europa dos filhos de fazendeiros ou senhores de engenho para estudar nas universidades (AZEVEDO, 1986).

A sociedade seguia regras costumeiras de fineza, ética, bons costumes e moral e sendo assim, existia uma espécie de um “Manual dos namorados” no qual continha regras que orientavam como as moças e os rapazes deveriam proceder na mutualidade de seus relacionamentos. Este roteiro continha orientações sobre as formas apropriadas de agir dos jovens, como a da troca de olhares, gestos na face que por vezes evidenciava algum tipo de sinal, a quantidade de perfume que a moça deveria usar e até mesmo sobre bilhetes secretos. Mas, sobretudo, enfatizava que o cavalheiro deveria ter cuidado e respeito para que não ofendesse a reputação da jovem. Esses manuais eram vendidos e consentidos até mesmo pelos padres, pois reconheciam a importância dessa transmissão de valores e costumes da época (AZEVEDO, 1986).

Desta forma, percebe-se que nesta época existia um controle, regulação e preocupação sobre a sexualidade da mulher. As meninas eram educadas para se casar e ter filhos, vinculada a imagem do mundo doméstico relacionado à esfera da privacidade caracterizando-se como uma boa mulher aquela que se preocupasse com a reputação, casamento, maternidade e o lar (ARANTES, 2011).

A modernização das cidades e as novidades dos meios de transportes representaram um importante momento de mudanças em relação ao namoro antigo, caracterizado pelo surgimento do “*footing*”². Através desses passeios os jovens tinham oportunidade de trocar olhares e fazer gestos no rosto, representando códigos entre eles, denominados “*flirt*” (AZEVEDO, 1986). Azevedo (1986, p. 16) descreve com detalhes a forma com os jovens se vestiam e como aproveitavam dos acessórios da roupa para que fossem atraentes e despertassem interesse:

² Termo utilizado para referir-se a passeios feito pelos jovens abastados nas novas ruas, praças e teatros das cidades.

O candidato, uma vez que havia captado a atenção da pretendida, passava a exibir uma variedade de sinais, por meio dos quais se comunicava à distância com aquela: flores à lapela do paletó, lenço disposto de maneira convencional no bolso peitoral, movimentos com a bengala, enquanto à parceira cabia responder com flores e cores diferentes no vestido, com determinados modos de exibir o leque e o lenço de acordo com um código que os almanaques e os manuais de etiqueta divulgavam.

As missas, rezas e festas religiosas também eram aproveitadas como oportunidade desses jovens se encontrarem sem a presença direta dos pais possibilitando o *flirt*, recadinhos passados por crianças e troca de bilhetes (AZEVEDO, 1986).

Neste sentido, o comportamento e postura esperados para uma moça naquela época era de obediência às regras sociais no que dizia respeito ao pudor, recato, discrição: atitudes que não comprometessem a sua reputação e a sua moral. No entanto, mesmo com tantas regras de comportamento, valores e tradições sociais, existiam casais que ousavam e procuravam modos de ir mais além ou burlar o que era permitido pelos pais e esperado pela sociedade como, por exemplo, beijo roubado, dançar mais próximo, encontros e passeios escondidos (AZEVEDO, 1986).

Passada a fase do *flirt* e uma vez que os jovens já tivessem namorando, este relacionamento começava de forma discreta, com o conhecimento de poucos familiares. O jovem tinha permissão de frequentar a casa da moça, mas sempre de forma vigiada ou por um irmão mais velho, empregadas domésticas ou até mesmo pela mãe. Só depois que o pai percebesse que o jovem realmente demonstrava interesse sério com a moça era que a notícia do namoro era compartilhada com a sociedade. Essa cautela demonstrava a preocupação da família em resguardar a imagem da moça para que não ficasse com a fama de namoradeira, pois em caso de rompimento do namoro, o término não iria repercutir bem para a reputação da menina (AZEVEDO, 1986). O autor comenta sobre a repercussão de um fim de namoro naquela época para uma moça:

Na verdade o que determina a ocultação é o que o namoro quase obriga ao noivado e ao casamento. Acabar um “namoro já adiantado”, público, é ocasião de uma crise emocional e de certa forma diminuição para a moça, um motivo de vergonha perante conhecidos e familiares como se indicasse alguma falta de merecimento: uma ocorrência dessa natureza é denominada “tomar taboca”, na Bahia, “levar a lata”, no Rio de Janeiro, “levar a tábua”, em São Paulo, equivalentes verbais de ser desprezada ou desprezado (AZEVEDO, 1986, p.43).

Desta forma, o namoro representava de fato uma das fases que antecedia o casamento, passado depois pelo noivado, geralmente marcado por trocas de alianças e o pedido formal para o pai da jovem. Este momento era demarcado como um passo muito sério no relacionamento e posteriormente para casamento. Até mesmo este tempo entre uma destas etapas era programado e esperado pela sociedade. O namoro não deveria ser tão longo de modo a evitar muita intimidade entre o casal e a passagem para o noivado demonstrava o interesse mais sério com a moça, ao passo que esta fase também não podia se alongar demais porque poderia parecer que o noivo estaria enrolando a noiva (AZEVEDO, 1986).

Sendo assim, constata-se que os relacionamentos de namoro no Brasil foram baseados nos costumes, tradições e cultura advindas da família patriarcal colonial que estabeleciam e ditavam a forma como as mulheres deviam se comportar na sociedade sob a pena de serem julgadas como indecentes ou não merecedoras de um “casamento”. A família, neste sentido, não apenas preocupava-se, mas também seguia tais valores e princípios morais para que fosse, então, garantida sua “boa fama” e reputação.

3.2 NAMORO EM MUDANÇA

Como explicado existiam regras costumeiras, normas, princípios e valores sociais que deveriam ser seguidos nos relacionamentos desde o início do namoro até o casamento. E este controle que existia sob os jovens era para que fossem evitados prejuízos à honra da moça (AZEVEDO, 1986).

O conceito de namoro tradicional como apresentado anteriormente acompanha as mudanças sociais e não exige mais as formalidades do passado. Na verdade, desde a década de 1960 com a influência do pós-Beatles (conjunto de rock inglês) e o movimento Hippie praticado por jovens americanos que lutavam pelo amor livre, extinção da família e liberação de drogas, passou por muitas transformações (JESUS, 2005). A revolução sexual na década de sessenta repercutiu em “mudanças no comportamento sexual das pessoas, redefiniu papéis de gênero e afetou os relacionamentos de intimidade interpessoal” (AQUINO et al., 2012).

Os limites até então estabelecidos no namoro, foram sendo modificados, de forma que os encontros entre os jovens passaram a ocorrer independente da anuência da família. Nos anos de 1980 expressões como “amizade colorida” já evidenciava um comportamento diferente e mais liberal praticado pelos jovens nos relacionamentos caracterizados pela falta de compromisso entre eles (JESUS, 2005).

De acordo com Biasoli-Alves (2004, apud PRATTA; SANTOS, 2007) este modelo nomeado como tradicional, hoje considerado ultrapassado, sofreu muitas modificações ao longo das décadas por fenômenos diversos como a imersão da mulher no mercado de trabalho, e suas reivindicações por posições igualitárias na sociedade, maior demanda de envolvimento paterno no cuidado com os filhos, avanços tecnológicos, aumento de número de divórcios, dentre outros que colaboraram para a emergência de novos padrões de comportamentos sociais e surgimento de novos arranjos familiares. Tais eventos tornaram possível a transformação da família “tradicional” em “igualitária”, na medida em que as diferenças sociais associadas aos gêneros nas atividades laborais foram diminuídas e os trabalhos domésticos passaram a ser compartilhados entre os membros familiares.

Dessa forma, as transformações da intimidade na contemporaneidade foram resultantes da contribuição exercida pelas mulheres, que lutaram por seus direitos e não aceitaram mais reproduzir os comportamentos tradicionais engendrados na sociedade (GIDDENS, 1993). O uso de contraceptivos e a imersão da mulher no mercado de trabalho, por exemplo, foram fatores que contribuíram para estas mudanças de comportamento e para o fortalecimento da identidade da mulher, deixando esta de ocupar apenas o ambiente privado e doméstico e passando a ocupar a esfera pública, como complementa Bilac (2012, p. 97): “As experiências vivenciadas pelas mulheres no casamento, na família e no trabalho são reflexivas e, por isso, possibilitam alterações na autoidentidade e uma reestruturação da vida íntima para gerações futuras”.

Neste sentido, constata-se que os relacionamentos que antigamente começavam e eram concretizados em casamentos em decorrência dos interesses políticos e econômicos das famílias foram substituídos pelo aparecimento do amor romântico como já explicado e atualmente pelo “relacionamento puro” que são relacionamentos baseados no compromisso e na satisfação recíproca do casal que pode ser terminado a qualquer momento por qualquer um dos parceiros.(GIDDENS,1993).

Segundo Lisboa (1987, apud PRATTA; SANTOS, 2007), como reflexo destas mudanças sociais e familiares observam-se novos padrões de comportamento entre pais e filhos. O tratamento que antes era baseado no autoritarismo foi substituído por relações com possíveis diálogos. No entanto, verificam-se, ainda, muitos conflitos decorrentes das inabilidades de negociações quanto aos valores que fundamentam as apropriações de condutas sociais aprendidas pelas diferentes gerações, na medida em que os valores associados aos princípios transmitidos pela família, nos processos de socialização primária, destoam dos

padrões sociais exigidos em outras modalidades de grupos que estes jovens convivem (SARTI, 2004, apud PRATTA; SANTOS, 2007).

É notável, pois, a improbabilidade de manutenção das expectativas de comportamento advindas das socializações oriundas da educação institucional familiar, primária, ao passo que novos arranjos de socialização, de segunda ordem, se desdobram em grupos identitários formados fora da instituição familiar (BERGER; LUCKMANN, 2014). Ademais, considerando a adolescência um período marcado por desafios de formação de identidade e autonomia (BECKER, 1994), as questões relacionadas às demandas de familiares e dos adolescentes podem culminar em conflitos, sobretudo quando as práticas atribuídas ao exercício de papéis em outros patamares etários, como o envolvimento em relacionamento amoroso com outra pessoa, tornam-se comuns dentro dos grupos de pertença e na própria prática cotidiana dos jovens.

É ressaltável, que geralmente as lógicas empregadas dentre os grupos de pertença compartilhados pelos adolescentes utilizam-se de códigos de linguagem e regras, por vezes, incompreensíveis aos sujeitos de gerações anteriores, especialmente àqueles fundamentados socialmente em valores tradicionais. Verifica-se que as relações interpessoais têm sido estabelecidas de forma superficial, prevalecendo os interesses individuais (JESUS, 2005).

Neste sentido, acompanhando as mudanças sociais, surgem mudanças nas práticas relacionais como, por exemplo, o "ficar" que surgiu nos anos 1990. Esta conduta compreendida como um tipo de relacionamento muito comum entre os jovens caracteriza-se pelo envolvimento sem compromisso (JESUS, 2005). O conceito do ficar é definido por Chaves (1994, p. 12), como: “Um código de relacionamento marcado pela falta de compromisso e pela pluralidade de desejos, regras e usos. O objetivo principal é a busca de prazer. É um encontro de um dia e/ou noite que pode ir de uma troca de beijos a uma relação sexual”.

O ficar representa a flexibilização do tempo, marcado pelo efêmero, pela brevidade, contribuindo para que as pessoas tenham a oportunidade de viver experiências sem compromisso (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004). De acordo com Stengel (2003), para compreender o ficar é necessário saber quais são os motivos que levam os jovens a optarem, por se envolverem desta forma. Segundo a autora, as justificativas utilizadas pelos adolescentes têm sentido tanto positivo quanto negativo. As razões podem ser desde suprir uma carência, forma de conhecer novas pessoas, como uma estratégia usada para exibição, uma maneira de ocupar o tempo ou um período que antecede o namoro.

De acordo com Bozon (2004) e Brandão e Heilborn (2006), o “ficar” se enquadra muito bem na juventude visto que eles passam por um momento do ápice e da definição da sexualidade. A experiência amorosa e sexual é vivida também em um ambiente que o jovem busca a identidade, autonomia e a procura por pares. Oliveira et al. (2007) esclarecem que também existe o “pegar” que se caracteriza por ser ainda mais breve e mais voltado para o interesse físico do que o próprio ficar. Segundo os autores: “pode ser visto como um ato espontâneo, sem compromisso, centrado mais no interesse físico e motivado pela beleza ou pela sensualidade, enquanto o ‘ficar’ seria um tipo de relacionamento mais íntimo e regular”. O ficar se situaria entre o pegar e o namorar.

Constata-se, pois, que os relacionamentos vêm sendo influenciados pelas relações de consumo e pela cultura do descarte. Enquanto for algo bom e útil para as partes, a relação é mantida, caso contrário, a relação é finalizada facilmente evitando qualquer frustração. Desta forma, os vínculos relacionais são marcados pela brevidade e fragilidade em que as relações são experimentadas e substituídas de forma veloz (BAUMAN, 2004, p. 67-68).

Portanto, é notável que estratégias baseadas em novos termos de contratos sociais, como o ficar, o namoro virtual, as exposições da relação a todo instante e as trocas de intimidades nas redes virtuais como o envio de fotos íntimas conhecidas como “*nudes*” e “*sexting*” apresentem novos métodos de gerenciamento das intimidades nas gerações mais recentes (SCREMIN, 2006).

Destaca-se que a internet facilita a comunicação para que sejam promovidos os relacionamentos, trata-se de um ambiente propício de aproximação dos pares de forma que estabelecer relações em ambientes digitais é menos trabalhoso do que manter relações face a face. Ou seja, as salas de bate-papos facilitam o contato afetivo auxiliando sobretudo as pessoas que possuem dificuldade para se socializarem (DELA COLETA; DELA COLETA; GUIMARÃES, 2008). No entanto, com a mesma facilidade que as relações contemporâneas são iniciadas, o seu descarte sem nenhum embaraço torna-se comum, conforme sugere Bauman (2004). Reflete ainda o autor que: “o advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves” (p. 82).

Flexor (2015b) complementa esta sugestão argumentando que os meios de comunicação diminuíram a distância e permitiram a conexão das pessoas com o mundo, ocasionando, no entanto, a desintegração da família, dos namoros, casamentos e criação dos

filhos tradicionais. Petrini (2015) acrescenta, ainda, que expressões como o “*footing*”, o “*tirar linha*” foram substituídas pelo “*ficar*” e pelo “*namoro virtual*” (p.111):

[...] a perda de validade de valores e modelos da tradição e a incerteza a respeito das novas propostas que se apresentam, desafiam a família a conviver com certa fluidez e abrem um leque de possibilidades que valorizam a criatividade numa dinâmica do tipo tentativa de acerto/erro. Necessitando de políticas sociais que possam oferecer resposta.

Verifica-se que pode ocorrer dos valores absorvidos nas famílias de origem apresentarem-se como inapropriados para atender as dinâmicas culturais e condições de vida. Nesse sentido, as famílias sinalizam incertezas de valores e enfrentam impasses no dia a dia. Os jovens tentam seguir os valores que assimilaram no convívio com os pais, por terem aprendido que são positivos, no entanto, inspiram-se, também, em valores difundidos pela mídia ou escola. Observa-se que as transformações sociais ocorrem de forma tão célere convertendo em líquido o que aparentava sólido antes (PETRINI; ALCÂNTARA, 2015).

Neste sentido, a mídia por vezes tem publicado que o ficar é um relacionamento “natural” entre os adolescentes, considerado como a prática afetiva sexual favorita entre eles. No entanto, muitos adolescentes entendem que esse tipo de relacionamento é cabível durante um período de vida, ao passo que vão ficando mais velhos, preferem viver a experiência do namoro considerando até mesmo que o ficar pode trazer sentimento de frustração e vazio (STENGEL, 2003).

Assim sendo, percebe-se que o ficar é o começo de um contato mais íntimo com uma pessoa e que a experiência pode ser repetida, caso seja satisfatório para as partes, resultando em relações mais íntimas, que podem evoluir, inclusive, para algo mais sério, tal como um relacionamento de namoro, gerando, assim, um vínculo emocional mais próximo com uma pessoa. Contudo, o ficar pode ser apenas aquele único contato ou experiência que as pessoas viveram em um momento específico, sem interesse em dar continuidade ao envolvimento. Neste caso, pode-se gerar sentimentos desagradáveis para alguns, tal como o vazio mencionado acima ou, ao contrário, sentimentos positivos, como o de liberdade.

Além do que a concepção do ficar não tem a mesma interpretação entre os jovens e os adultos. Muitos jovens optam pela prática do ficar devido à facilidade, brevidade e fluidez desta relação, no entanto, alguns adultos têm a percepção de que essa prática possa eliminar alguns valores considerados fundamentais para um relacionamento amoroso entre os pares

sendo até mesmo entendido para alguns como ato promíscuo, conforme sinalizam Abramoway, Castro e Silva (2004). Esclarecem as autoras que:

O tema ficar no campo das relações sexuais e afetivas estaria mais demarcando gerações, provocando inclusive, reações críticas dos mais velhos, que se sentem ameaçados, considerando que seus modelos e controles não estariam mais funcionando no sentido de evitar a iniciação sexual (p.103).

Apesar de ser uma expressão já utilizada há muito tempo, esta prática de relacionamento entre os jovens pode apresentar novidades como, por exemplo, uma espécie de disputa entre os garotos sendo considerado o vencedor aquele que conseguir ficar com um maior número de garotas na mesma ocasião. Alguns adultos, como pais, educadores e profissionais que trabalham com adolescentes consideram o ficar como uma relação problemática e de difícil compreensão (STENGEL, 2003).

Caso ocorra uma eventualidade das “ficadas”, ou seja, se elas venham a acontecer com uma maior frequência e o sentimento se torne mais especial não apenas o puro desejo momentâneo pelo parceiro o ficar pode evoluir para o namoro, por vezes, sem a necessidade de um pedido formal. O pedido pode até acontecer, mas não é essencial. Às vezes o relacionamento se torna namoro como uma passagem natural (STENGEL, 2003).

Stengel (2003) ainda destaca que a passagem do ficar para o namoro pode depender do comportamento da menina, e esta conduta por vezes é analisada pelo rapaz e pelos amigos. É possível a presença de crenças de que existem meninas que só são para ficar e outras que são para namorar, geralmente associadas às garotas que costumam ficar com várias pessoas, ou que não tenham uma boa fama entre grupo. Geralmente os meninos preferem não namorar até mesmo pelo receio de serem traídos por elas.

Ressalta-se, assim, que a influência que os amigos exercem na escolha dos parceiros pode ser até maior do que a influência da própria família, haja vista que a semelhança da idade e as experiências trocadas são fatores que contribuem para que estes jovens adquiram maior intimidade e confiança nos pares etários (RIBEIRO et al, 2011).

Verifica-se que apesar da facilidade e praticidade do ficar, o namoro continua sendo uma relação afetiva almejada entre os adolescentes, mesmo que não seja o desejo imediato ou por pouco tempo (STENGEL, 2003, p. 68). O namoro na nossa cultura ainda é considerado como uma relação afetiva, baseada no compromisso que possui como propósito o casamento. Todavia, o que o diferencia do namoro tradicional é a interrupção que por vezes ocorre até o

casamento existindo uma “quebra de vínculo” entre as duas relações, tendo em vista que o namoro tradicional era seguido pelo noivado e posteriormente o casamento. (STENGEL, 2003). No entanto, com as transformações sociais, comportamentais e tecnológicas este conceito de namoro apresenta-se enfraquecido, como outras diversas modalidades de relacionamento interpessoal na atualidade (BAUMAN, 2004).

No início do namoro é comum a mudança de comportamento por parte do adolescente em relação à família. O jovem passa a dar mais atenção e prioridade ao seu par, favorecendo o aparecimento de modificações positivas ou negativas na dinâmica da família. É durante o namoro que os adolescentes têm a oportunidade de decidir que programação e quais assuntos conversam, tendo a possibilidade, assim, de abordarem sobre questões sexuais (ANDRADE, 2007). É importante ressaltar que, apesar dos adolescentes passarem menos tempo com a família quando começam a namorar, o fato de apresentar o par à família demonstra que o relacionamento evoluiu para algo mais sério, podendo ser até interpretado como o momento que passou a ser um namoro (RIBEIRO et al, 2011).

Durante o namoro, uma vez que a relação está sendo vivenciada de forma mais séria, pode ser que ocorram sentimentos como o ciúme e a desconfiança entre os pares. Desta forma, o convívio com estes tipos de sentimentos pode acarretar em conflitos entre o casal, como o controle de horários e cobranças de atitudes. Estes sentimentos e desavenças podem aparecer em relacionamentos mais instáveis também, no entanto, é mais comum em relacionamentos mais sólidos como o namoro (RIBEIRO et al., 2011).

Constata-se, ainda, que as desigualdades de gênero influenciam os indivíduos a exercerem padrões de comportamento diferentes. Os valores morais são internalizados pelos adolescentes e repercutem nos relacionamentos afetivos vividos por eles. Na nossa sociedade, mesmo tendo a mulher conquistado maior liberdade sexual em relação ao passado, ainda assim, a conduta permitida à mulher difere da do homem (STENGEL, 2003). Na verdade, em muitas culturas existem formas de impor normas que proíbam atividade sexual e os ritos que iniciam a relação sexual são atribuídos a partir da moralidade, cabendo aos adolescentes conviverem com essas regras de conduta (TAQUETTE; VILHENA, 2008).

Nesse sentido, a vida sexual ainda é vivenciada de maneira diferente entre meninos e meninas, devido a fatores tradicionais predominantes, como a idéia associada de que a mulher deve ser concebida para o matrimônio e reprodução, contribuindo para o comportamento repressor no que tange à sexualidade. Considerando, assim, a virgindade como questão enaltecida pelas famílias (ALTMANN, 2007). Sendo assim, podem surgir conflitos

decorrentes da existência do choque entre os valores tradicionais e os valores modernos. Sentimentos desnorteados como preservação da reputação seguindo os valores familiares no caso da menina ou manifestar o amor ao parceiro fazendo a vontade do mesmo (BORGES, 2007).

Castro, Abramovay e Silva (2004) explicam que, para os meninos, ficar com uma grande quantidade de parceiras tem uma conotação positiva, haja vista que representa a possibilidade de se tornarem mais experientes sexualmente. Como descreve Stengel (2003), expressões como “garanhão” (associado positivamente ao homem como virilidade) ou “galinha” (rótulo pejorativo relacionado à promiscuidade) são atribuídos aos adolescentes que tenham praticado o mesmo ato como, por exemplo, ficar com várias pessoas na mesma noite demonstrando como a sociedade se comporta diferente a depender do gênero da pessoa. Para os homens não há quase nenhum controle ou limitação, já para as mulheres existem vários. Esse pensamento é resultado de princípios e valores morais que foram disseminados na sociedade no passado como comentado anteriormente, mas que se fazem presente até os dias de hoje. No entanto, vale destacar que o pensamento machista não é atribuído apenas aos meninos, pois as meninas ao julgarem as outras estão compartilhando desse entendimento. Como relata Stengel (2003, p.131):

As garotas reproduzem o mesmo julgamento de forma, na maioria das vezes, implacável. Isso pode ser observado no momento em que elas mesmas criticam as colegas que ficam com muitos ou têm relação sexual com vários rapazes, independentemente de estarem namorando.

Desta forma, como foi dito anteriormente, a mesma prática tem diferente conotação a depender do gênero. Os meninos que ficam com várias repercutem de forma positiva como os que “pegam todo mundo”, no entanto, as meninas que ficam com vários são estigmatizadas pelas próprias garotas como, por exemplo ‘peguete’ e ‘garota safada’ (RIBEIRO et al., 2011).

Ainda neste sentido, para algumas adolescentes, ficar com um desconhecido tem um “valor moral negativo” entendendo que quem fica com qualquer um não se valoriza. Para alguns jovens, sentimentos como o desejo é associado a culpa e insegurança, interpretando até mesmo que o prazer não é muito aceitável principalmente para as mulheres, demonstrando os valores que foram engendrados em uma sociedade demarcada pelo machismo (STENGEL, 2003, p.65).

Destaca-se que tanto o ‘ficar’ quanto o ‘pegar’ são condutas conhecidas não só pelos adolescentes, mas também por adultos e que ambientes de festas são tidos como lugares de

‘pegação’ em que é normal a troca de beijos por diferentes números de pessoas (RIBEIRO et al., 2011). Normalmente a decisão por ficar com uma pessoa está associada à questão das atribuições físicas. Desta forma, a aparência física é muito valorizada na nossa cultura, o que pode ser evidenciado pelo crescente número de academias e a grande procura por procedimentos estéticos. Sendo assim, seguindo o padrão social, os adolescentes também apreciam a questão da beleza por entenderem que a imagem é um requisito de seleção para que sejam escolhidos para ficar com alguém. O modelo de beleza é baseado no senso comum e aqueles que possuem essas características são valorizados e exibidos como prêmio (STENGEL, 2003).

A decisão de escolha do par amoroso sofre influência das noções de beleza engendradas na cultura, obedecendo, desta forma, aos padrões de quem é ou não considerado atraente na sociedade. Os adolescentes que são considerados feios ou não se apresentam com acessórios que estão sendo usados pelo grupo ou pela mídia são, muitas vezes, vítimas de preconceitos, discriminação e até mesmo excluídos do convívio dos pares etários (SILVA et al., 2011).

A sexualidade compõe uma parte importante do ciclo de vida dos indivíduos, na qual ocorrem práticas e sentimentos que dizem respeito ao prazer, ao afeto, à liberdade e à saúde. Para Salles e Ceccarelli (2010), ela decorre de uma construção histórica e cultural que sofre transformações de acordo com as mudanças sociais. Por outro lado, para Louro (2013) a sexualidade é inerente a todo ser humano, mesmo que ele nunca venha e exercê-la. Vale salientar que na sociedade em que vivemos foram estabelecidos limites culturais culminando, por conseguinte, na existência de tabus e preconceitos (BRASIL, 2007).

Neste sentido, a sexualidade humana entendida como fruto de uma construção social apresenta particularidades na adolescência caracterizada pelas descobertas, experiências vividas e decisões escolhidas por este grupo, sendo de grande utilidade oportunizar informações adequadas sobre esta questão. A sexualidade é considerada como uma energia que proporciona a busca pelo amor, intimidade, constitui emoções e atitudes que repercutem na saúde física e mental (PAHO; WHO, 2000).

O início da vida sexual dos jovens pode ser motivo para uma relação de desconforto entre pais e filhos. De acordo com uma pesquisa realizada entre pais e adolescentes sobre a sexualidade em um Centro de Educação Comunitária de uma capital do Nordeste brasileiro no ano de 2015 (NERY et al., 2015) demonstrou-se que os pais possuem dúvidas e insegurança ao tratar deste tema com os filhos. Consideram a sexualidade como algo relacionado à

reprodução, refletindo na gravidez precoce e em doenças sexualmente transmissíveis, gerando atitudes repressivas e controladoras. Como explica Stengel (2003, p. 141-142):

Lidar com a vida afetiva e/ou sexual dos filhos pode ser complicado e até mesmo conflitivo para os pais. Essa dificuldade advém do fato de os pais terem que admitir que seus filhos cresceram, estão se tornando adultos e têm sexualidade que, a partir de agora, pode ser exercida plenamente. Outra causa dessa dificuldade é o tabu em torno do tema da sexualidade, que provoca constrangimentos ou vergonha, principalmente quando tratados entre pais e filhos.

Ocorre, também, de alguns pais admitirem que mesmo sem a sua anuência ou obediência em relação a valores transmitidos pela família, os jovens exercem a sexualidade com auto-suficiência demonstrando que têm o controle do próprio corpo. Desta forma, o discurso da repressão é por vezes substituído por pressões psicológicas que enfatizam o quanto é dispendioso economicamente a criação de filhos (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

Sendo assim, podem surgir conflitos decorrentes da existência do choque entre os valores tradicionais e os valores modernos. Sentimentos desnorteados como preservação da reputação seguindo os valores familiares no caso da menina ou manifestar o amor ao parceiro fazendo a vontade do mesmo (BORGES, 2007).

É incontestável que a vida sexual é vivenciada de maneira diferente entre meninos e meninas, devido a fatores tradicionais predominantes mencionados anteriormente como a idéia associada de que a mulher deve ser concebida para o matrimônio e reprodução, contribuindo para o comportamento repressor no que tange a sexualidade (ALTMANN, 2007).

Ressalta-se, ainda, que o início da vida sexual é um importante rito na vida das pessoas tendo em vista que é padronizada conforme as referências da juventude, um ciclo privilegiado nas representações do consumo, que é convertida em mito mediante o valor que é atribuído ao corpo e a saúde ideal (VIANNA, 1992). Abramovay, Castro e Silva (2004), coadunam com este entendimento de que a iniciação sexual dos jovens representa um rito de passagem na sociedade e refletem que os jovens vivem um momento de ambiguidade durante esta experiência, pois consideram ter saído do mundo infantil e entrado no mundo adulto quando vivenciam o ato sexual, no entanto, continuam dependendo financeiramente das famílias causando esse sentimento de ambivalência.

É importante pontuar que, diante das transformações sociais ocorridas, constata-se que o início da vida sexual dos adolescentes acontece cada vez mais precocemente (IBGE, 2016). De acordo com dados obtidos em pesquisa realizada pelo IBGE em 2015, quase 30% dos alunos que cursam o 9º ano do ensino fundamental (idade média de 14 anos) já tiveram experiências sexuais.

No entanto, como foi mencionado anteriormente, infelizmente muitos pais ainda não se sentem a vontade para conversar ou explicar sobre a sexualidade a seus filhos. Muitos adolescentes aprendem sobre sexualidade com o que é abordado nas disciplinas escolares, o que é veiculado na mídia ou na troca de experiências com os amigos (STENGEL, 2003).

Neste sentido, a secretaria Nacional da Juventude desenvolveu um estudo no ano de 2013 com o objetivo de traçar o perfil da juventude brasileira, acompanhar as tendências de comportamento, opinião dos jovens e identificar as demandas por políticas públicas. Esta pesquisa foi considerada estatisticamente representativa com universo da população entre 15 a 29 anos, que residiam no território brasileiro foi utilizado uma amostra composta por 3.300 entrevistas distribuídas em 187 municípios contemplando as 27 Unidades da Federação. Quando questionados sobre quais assuntos estes jovens gostariam de discutir com os pais ou responsáveis, as principais respostas dadas foram: educação e o futuro profissional (45%), violência (32%) e sexualidade apenas 17%. Por outro lado, quando questionados sobre qual assunto eles gostariam de discutir com os amigos, os temas mais citados como respostas foram: drogas (41%), sexualidade (31%) e violência (30%). Sendo assim, podemos perceber que, de acordo com o resultado da mencionada pesquisa, os jovens apresentam vontade de conversar sobre sexualidade mais com os amigos do que com os pais, confirmando o entendimento citado anteriormente (BRASIL, 2013).

Como explica Anastácio (2010, p. 696) citando Gagnon e Simon (1973):

[...] é no relacionamento com os outros que o adolescente encontra muitas vezes resposta às suas dúvidas sobre sexualidade e desejo sexual. Desta forma, importa compreender como desloca o alvo de interrogações da família para aqueles que lhe proporcionam uma atmosfera mais descontraída e com quem passa a identificar-se – os pares. Gagnon e Simon (1973) esboçaram um percurso sexual para todo o ciclo vital, do qual nos importa salientar que: até à adolescência a família e os amigos ainda têm uma influência predominante; na fase inicial da adolescência, dos 11 aos 15 anos, a família começa a perder domínio e há uma forte identificação com os pares do mesmo sexo l; na fase final da adolescência, dos 15 aos 18 anos, assiste-se a um declínio de todo o tipo de controle familiar, a uma identificação com os pares do sexo oposto.

Além do que, o tempo disponibilizado com os filhos é cada vez menor. Sendo assim, a orientação sexual é por vezes transferida à escola devido esta dificuldade dos pais em dialogar sobre sexualidade com os adolescentes, ou ficando limitado a conversas sobre contracepção (BRANDÃO; HEIBORN, 2006).

No entanto, é importante esclarecer que a família e a escola exercem contribuições diferentes, mas complementares. A escola colabora com os ensinamentos que já foram transmitidos pela família, podendo acrescentar e passar conhecimentos, por exemplo, contra preconceitos, sentimentos e respeito. Desta forma, verifica-se como é fundamental o papel exercido pelo professor como um educador sexual na escola e este deve se reciclar de forma que venha contribuir de forma eficaz com a sua função (FONSECA, 2004).

Os jovens, sobretudo os adolescentes são alvo de inquietação e preocupação das comunidades mundiais principalmente no que tange a educação, saúde e problemas inerentes a questão sexual como DST, Aids e gravidez precoce (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

Como evidenciam os dados obtidos no IBGE, (2016), fatores relacionados à saúde sexual dos adolescentes são considerados como questão de saúde pública pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como: início de vida sexual sem proteção, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência (CAMPOS et al., 2017).

Desta forma, com o intuito de acompanhar as ações destinadas a este grupo, em 2009, o Ministério da Saúde e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) criaram uma parceria para que ocorresse a primeira Pesquisa Nacional de Saúde Escolar – PeNSE (BRASIL, 2009). Sendo que a finalidade desta pesquisa foi aumentar o conhecimento relacionado à saúde dos adolescentes, produzindo indicativos que servissem como forma de orientação para ações que promovessem saúde para estes jovens. A PeNSE já foi realizada em outros anos como no ano de 2012 e 2015 possibilitando assim as atualizações dos dados da pesquisa.

Uma investigação realizada sobre juventude e sexualidade no ano de 2004 por Abramovay, Castro e Silva que teve como objetivo contribuir para um debate sobre as relações existentes entre a sexualidade e juventudes na escola revelou a existência de alguns avanços como uma maior reflexão, liberdade e responsabilidade por parte dos jovens, no entanto, também evidenciou a existência de entraves patriarcais que permeiam na sociedade, enraizadas na nossa cultura e nos meios educacionais de formação da criança e do adolescente. De acordo com esta pesquisa, é importante esclarecer que a iniciação sexual dos

jovens não denota em promiscuidade, ao contrário, a pesquisa revela que 70% dos jovens entrevistados estabeleceram relações sexuais com um único parceiro e que na verdade existe até mesmo uma “moral de convivência e de limites” nas relações entre o ‘ficar’, o namoro e o casamento por parte dos jovens.

Sendo assim, evidencia-se que as práticas relacionais adotadas pelos jovens como o ficar e o namorar, por exemplo, são caracterizadas pela brevidade, fluidez e o descarte, influenciadas pela relação de consumo da sociedade. Consta-se que aquele amor romântico surgido no final do século XVIII vem passando por ressignificações diante de inúmeras transformações sociais. No contexto da pós-modernidade, este amor romântico vem sendo substituído pelo amor nomeado como confluyente, no sentido da esporadicidade, não prevalecendo mais a ideia daquele amor interminável (aquele que se namorava para casar). Vê-se também que esse tipo de amor que se caracteriza pela possibilidade real de um fim (JUSTO, 2005) e por relacionamentos puros que têm a sua continuidade ou durabilidade de acordo com nível de satisfação ou do desejo individual de uma das partes (GIDDENS, 1993).

O namoro ainda é um relacionamento desejado pelos adolescentes visto que o ficar, apesar de ser um relacionamento muito adotado pelos jovens, pode até causar em alguns casos sensação de vazio e frustração. O comportamento dos adolescentes é marcado por diferenças de gênero demonstrando, ainda, a presença de resquícios da herança cultura patriarcal e machista na sociedade. A sexualidade tem sido iniciada de forma precoce entre os jovens, no entanto, não denota em promiscuidade tendo em vista que os adolescentes costumam manter um único parceiro ou poucos em suas experiências sexuais. De acordo com a literatura o diálogo entre pais e filhos sobre sexualidade ainda ocorre de forma discreta sendo muitas vezes transferida para a escola essa função. Desta forma, para que se possa compreender o adolescente e as práticas afetivas que eles exercem é necessário que se tenha uma visão muito além da tradicional, procurando se interar das novidades vivenciadas por este grupo, levando em conta as preocupações e vulnerabilidades sofridas por estes principalmente no que tange a saúde, para que, assim, seja possível se obter relacionamentos mais estreitos e harmoniosos entre as diferentes gerações.

4 MÉTODO

4.1 DELINEAMENTO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, usando como estratégia de investigação um estudo de Casos Múltiplos. A escolha deste método se dá pela possibilidade de se aprofundar a compreensão de um fenômeno social (RICHARDSON, 1999) e por objetivar uma abordagem mais interpretativa do mundo, procurando entender os fenômenos em termos dos significados pelos quais as pessoas participantes a eles conferem (DEZIN; LINCOLN, 2006).

4.2 PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa foram oito adolescentes que residiam em bairros de classe média, com idades entre 15 e 17 anos, quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino que estavam vivendo a experiência de namoro. Todos eram provenientes de escolas particulares de bairros de classe média de Salvador e aceitaram participar do estudo assinando o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e os seus responsáveis permitiram que o adolescente participasse da investigação, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A escolha por esta faixa etária foi para possibilitar a abrangência da idade e por ser a fase em que geralmente os jovens começam a se relacionar afetivamente. A convocação dos participantes foi feita a partir da rede de contatos e acessibilidade da pesquisadora. Foram estabelecidos nomes fictícios para que fosse preservado o anonimato dos participantes.

Tabela 1 – Dados de identificação dos adolescentes – Salvador, 2019

NOME FICTÍCIO	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	BAIRRO EM QUE RESIDE	COM QUEM RESIDE
JULIANA	16	FEMININO	CURSANDO O 2º ANO DO ENSINO MÉDIO	CAMINHO DAS ÁRVORES	PAIS
VALENTINA	16	FEMININO	CURSANDO O 2º ANO DO ENSINO MÉDIO	PITUBA	PAIS E IRMÃ
LUÍZA	17	FEMININO	CURSANDO O 3º ANO DO ENSINO MÉDIO	PITUBA	PAIS E IRMÃ
VERENA	16	FEMININO	CURSANDO O 3º ANO DO ENSINO MÉDIO	PITUBA	MÃE E AVÓ
FRED	15	MASCULINO	CURSANDO O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO	ALPHAVILLE	MÃE, PADRASTO E IRMÃO
DANIEL	16	MASCULINO	CURSANDO O 2º ANO DO ENSINO MÉDIO	ITAPUÃ	PAIS
CADU	17	MASCULINO	CURSANDO O 3º ANO DO ENSINO MÉDIO	ITAIGARA	MÃE
LUCA	17	MASCULINO	CURSANDO O 3º ANO DO ENSINO MÉDIO	CAMINHO DAS ÁRVORES	MÃE

4.3 INSTRUMENTO

Como instrumento de pesquisa foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado, com questões fechadas e abertas, elaborado pela pesquisadora. Este roteiro contém quesitos sobre dados de identificação, concepção de namoro, namoro e relações familiares, relações de amizade, namoro na escola e perspectivas futuras do namoro.

4.4 PROCEDIMENTOS

O projeto de pesquisa, intitulado “Namoro e adolescência na contemporaneidade”, foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UCSal (CAAE:12685019.20000.5628; número do parecer: 3.343.447). Após tal aprovação, a pesquisadora, utilizando os critérios de acessibilidade e os de inclusão mencionados anteriormente, convidou os adolescentes com idades entre 13 e 17 anos para participar do estudo.

Após o assentimento dos adolescentes e o consentimento de seus respectivos responsáveis, foram realizadas entrevistas com os participantes da pesquisa em local de conveniência para eles. As entrevistas foram gravadas para que nenhuma informação se perdesse. Caso houvesse desconforto por parte dos adolescentes, as entrevistas seriam interrompidas e a pesquisadora prestaria o apoio necessário aos participantes.

4.5 ANÁLISE DE DADOS

As gravações das entrevistas foram transcritas integralmente pela pesquisadora e posteriormente analisadas. Foi realizada a análise de conteúdo como propõe Minayo (2008).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo iniciaremos fazendo a descrição dos adolescentes em seguida, serão apresentados os resultados e a discussão da pesquisa.

5.1 DESCRIÇÃO DOS ADOLESCENTES

Adolescente 1- Juliana

Juliana tem 16 anos, está cursando o 2º ano do Ensino Médio em uma escola particular de Salvador. Ela reside com seus pais no bairro Caminho das Árvores. Juliana começou a namorar aos 14 anos e já teve três namorados. O relacionamento atual tem o tempo de cinco meses.

Adolescente 2 - Valentina

Valentina tem 16 anos, está cursando o 2º ano do Ensino Médio em uma escola particular de Salvador. Ela reside com seus pais e irmã no bairro da Pituba. Esta é a primeira relação de namoro da adolescente e já tem dois meses de duração.

Adolescente 3 – Luíza

Luíza tem 17 anos, está cursando o 3º ano do Ensino Médio em uma escola particular de Salvador. Ela reside com os pais e a irmã no bairro da Pituba. Luíza começou a namorar aos 14 anos e já teve três namorados. Ela está nesse relacionamento há um ano e dois meses.

Adolescente 4 – Verena

Verena tem 16 anos, está cursando o 3º ano do Ensino Médio em uma escola particular de Salvador. Ela reside com a mãe e a avó no bairro da Pituba. Verena começou a namorar aos quinze anos e já teve dois namorados. O atual relacionamento tem quatro meses.

Adolescente 5 – Fred

Fred tem 15 anos, está cursando 1º ano do Ensino Médio em uma escola particular de Salvador. Ele reside com a mãe, padrasto e o irmão no bairro do Alphaville. Fred começou a namorar aos catorze anos e esta é a sua primeira namorada. Ele está nesse relacionamento há um ano e dois meses.

Adolescente 6 – Daniel

Daniel tem 16 anos, está cursando o 2º ano do Ensino Médio em uma escola particular de Salvador. Ele reside com os pais no bairro de Itapuã. Daniel começou a namorar aos catorze anos e já teve três namoradas. O atual relacionamento tem três meses.

Adolescente 7 – Cadu

Cadu tem 17 anos, está cursando o 3º ano do Ensino Médio em uma escola particular de Salvador. Ele reside com a mãe no bairro do Itaigara. Cadu começou namorar aos dezesseis anos e esta é a sua primeira namorada o relacionamento já tem oito meses.

Adolescente 8 – Luca

Luca tem 17 anos, está cursando o 3º ano do Ensino Médio em uma escola particular de Salvador. Ele reside com a mãe no bairro do Caminho das Árvores. Luca começou a namorar aos treze anos e já teve três namoradas. O atual relacionamento já tem quase um ano.

5.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 2 – Concepção de Namoro – Meninos – Salvador, 2019

ADOLESCENTE	CONCEPÇÃO DE NAMORO	DIFERENÇA ENTRE NAMORAR E FICAR	COMPROMISSO ASSUMIDO NO NAMORO
FRED (15 anos)	NAMORO É VOCÊ TER ALGUÉM PARA VOCÊ FALAR TUDO E SE SENTIR À VONTADE COM ESSA PESSOA.	NAMORAR PARA MIM É UMA COISA MAIS SÉRIA E FICAR É UMA COISA QUE VOCÊ FICA E PASSA DEPOIS.	TEM QUE SER FIEL E FALAR DE TUDO SEM MENTIR.
DANIEL (16 anos)	É QUANDO PESSOAS QUE NÃO SÃO NECESSARIAMENTE AMIGOS OU FAMILIARES SE AMAM. E ELAS DEMONSTRAM ESSE AMOR NAMORANDO.	QUANDO VOCÊ NAMORA COM UMA PESSOA VOCÊ TEM SENTIMENTOS MAIS FORTES COMO AMAR A PESSOA. QUANDO VOCÊ FICA VOCÊ NÃO AMA A PESSOA VOCÊ ESTÁ ALI APENAS PELO APEGO FÍSICO.	VOCÊ SE COMPROMETE A TER APEGOS FÍSICOS E EMOCIONAIS SÓ POR ELA.
CADU (17 anos)	É TER UM RELACIONAMENTO COM UMA PESSOA QUE VOCÊ GOSTA É TER UM RELACIONAMENTO COMO SE FOSSE COM ALGUÉM DA SUA FAMÍLIA E DEMONSTRAR AFETIVIDADE.	NAMORAR É QUANDO ALGO MAIS SÉRIO. VOCÊ REALMENTE CONHECE A FAMÍLIA DA PESSOA, SAI COM A PESSOA PARA OS LUGARES. E FICAR É SÓ QUANDO VOCÊ ESTÁ NA FESTA E FICA COM ALGUÉM.	CONFIANÇA E COMPROMISSO E PODER CONTAR COM O OUTRO.
LUCA (17 anos)	É UMA RELAÇÃO QUE VAI ALÉM DA AMIZADE E SIM UMA RELAÇÃO DE TROCA...MAS NÃO UMA TROCA OBRIGATÓRIA, UMA PARCERIA, ALÉM DO CASO DA AMIZADE É UMA BASE DE CONFIANÇA TAMBÉM.	NAMORAR É QUANDO VOCÊ JÁ ASSUME A PESSOA PARA AS OUTRAS E FICAR VOCÊ TAMBÉM ASSUME, MAS NÃO TEM NENHUMA RESPONSABILIDADE COM O SENTIMENTO DA PESSOA, VOCÊ PODE FICAR COM OUTRAS PESSOAS, SEM TER NADA SÉRIO.	COMPROMISSO DE ESTAR PRESENTE E ATENÇÃO. VOCÊ TEM INTIMIDADE.

Tabela 3 – Concepção de Namoro – Meninas - Salvador, 2019

ADOLESCENTE	CONCEPÇÃO DE NAMORO	DIFERENÇA ENTRE NAMORARE E FICAR	COMPROMISSO ASSUMIDO NO NAMORO
JULIANA (16 anos)	UMA FORMA DE COMPROMISSO E PENSAR NO LADO DO OUTRO E NÃO SÓ EM VOCÊ	NAMORAR É UM COMPROMISSO E FICAR VOCÊ TALVEZ NÃO LEVE TÃO A SÉRIO ASSIM.	CONFIANÇA, FIDELIDADE E AMIZADE.
VALENTINA (16 anos)	É VOCÊ ENTRAR EM UMA RELAÇÃO POR GOSTAR DE UMA PESSOA. NÃO PRECISA AMAR A PESSOA, MAS VOCÊ SE COMPROMETE COM ELA. É UMA FASE ANTERIOR AO CASAMENTO OU NOIVADO	QUANDO VOCÊ NAMORA VOCÊ ASSUME UM RELACIONAMENTO, VOCÊ É FIEL A UMA PESSOA E VOCÊ SE RELACIONA COM UMA PESSOA. QUANDO VOCÊ FICA VOCÊ PODE FICAR COM OUTRAS PESSOAS. VAMOS DIZER QUE FICAR SERIA UM NAMORO ABERTO SEM COMPROMETIMENTO COM O OUTRO.	CUMPLICIDADE E FIDELIDADE.
LUÍZA (17 anos)	NÃO É APENAS UM NOME QUE É DADO A UM RELACIONAMENTO. É MUITA CONFIANÇA. VOCÊ PODE DESABAFAR COM A PESSOA NOS SEUS MELHORES E PIORES MOMENTOS	NAMORAR É ALGO MAIS SÉRIO É AQUELA COISA QUE VOCÊ APRESENTA PARA FAMÍLIA. FICAR É ALGO MAIS BÁSICO. VOCÊS SÓ FICAM ASSIM SE BEIJAM, NÃO CONHECE A FAMÍLIA. NÃO TEM AQUELE LAÇO FORTE COMO NAMORO.	NÃO É SÓ SER FIEL É APOIAR A PESSOA EM TODAS AS SITUAÇÕES.
VERENA (16 anos)	É COMO SE FOSSE UMA TROCA DE EXPERIÊNCIA É VOCÊ SABER CONVIVER COM O PRÓXIMO E SE COLOCAR NO LUGAR DO OUTRO	FICAR É UMA COISA ANTERIOR PRA VOCÊ SE ACOSTUMAR IR CONHECENDO OUTRO E É UMA COISA QUE NÃO É TÃO SÉRIA COMO NAMORO. NAMORO É QUANDO VOCÊ JÁ ESTÁ ESTABILIZADO.	COMPROMISSO DE CUIDAR DE CUMPRIR TODAS AS OBRIGAÇÕES, DE RESPEITAR.

5.2.1 Concepção de namoro

Ao investigar as concepções de namoro, foram identificadas semelhanças nas falas dos adolescentes. Observa-se que, nas respostas, apareceram com frequência: intimidade, pessoas que se amam, gosta ou demonstram afetividade, compromisso e troca de experiências.

A intimidade foi citada na fala de três participantes: como pode ser ilustrado a seguir: “namoro é você ter alguém para você falar tudo e se sentir à vontade com essa pessoa” (Fred), “é ter um relacionamento como se fosse com alguém da sua família e demonstrar afetividade” (Cadu), “é muita confiança você pode desabafar com a pessoa nos seus melhores e piores momentos” (Luíza).

Já expressões como: ama/gosta/demonstra afetividade são encontradas nas falas de três adolescentes: “é quando pessoas que não são necessariamente amigos ou familiares se amam” (Daniel), “é ter um relacionamento com uma pessoa que você gosta” (Cadu), “é você entrar em uma relação por você gostar de uma pessoa” (Valentina).

De acordo com os resultados fica evidenciado que os oito adolescentes têm o entendimento de que o namoro é um relacionamento mais sério, que exige compromisso, fidelidade, intimidade, confiança que envolve sentimentos mais fortes como o gostar e o amar. O par afetivo é considerado especial e é apresentado a família. Os oito participantes manifestaram a seriedade e o nível de envolvimento que atribuem ao namoro tendo em vista

que três adolescentes citam em suas falas amar ou gostar já os outros cinco descrevem como relação mais séria ou que vai além da amizade.

A seriedade do relacionamento mencionada acima pode ser comprovada com base na teoria de Robert Stenberg (1989) citado por Aquino et al. (2012) que propõe como a teoria triangular do amor ser este formado pelo compromisso, intimidade e paixão. O compromisso é demonstrado pela decisão de amar outra pessoa, já intimidade é reconhecida pela vontade de propiciar o bem-estar, respeito, valorização e o apoio mútuo entre os pares e por fim a paixão é revelada pelos desejos e entrega entre o casal.

Outro ponto importante revelado nas respostas dos adolescentes é a fala da adolescente Valentina que considera o namoro como sendo: “uma fase anterior ao casamento ou noivado” demonstrando desta forma, a herança da concepção do namoro tradicional apontada por Azevedo (1986) que explica que o namoro era considerado como uma fase anterior ao noivado marcado por troca de alianças e posteriormente o casamento. Apesar de autores como Biasoli-Alves (2004) considerarem que o namoro nomeado como tradicional é considerado como ultrapassado por ter sofrido muitas modificações ao longo do tempo, percebe-se que de acordo com as respostas dadas pelos oito adolescentes entrevistados o namoro apesar das transformações sociais sofridas é ainda considerado como um relacionamento sério que requer compromisso, confiança fidelidade, afetividade e amor com o par evidenciando que alguns elementos do namoro tradicional ainda são preservados até hoje pelos jovens. O que coaduna com o entendimento de Stengel (2003) que afirma que o namoro na nossa cultura ainda é considerado como uma relação afetiva baseada no compromisso diferenciando-se do tradicional na questão da quebra de vínculo, haja vista a quantidade de namorados que por vezes é comum acontecer atualmente antes de efetivamente se casarem.

5.2.2 Diferença entre namorar e ficar

Quando questionados sobre a diferença entre namorar e ficar os oito adolescentes consideraram o namoro como uma relação mais séria, que envolve sentimentos mais fortes e o convívio com a família do par afetivo. A adolescente Valentina inclusive mencionou isso categoricamente: “bom para mim a diferença entre namorar e ficar é bem simples! Quando você namora você assume um relacionamento, você é fiel a pessoa que você se relaciona e quando você fica você pode ficar com outras pessoas”! Adolescente Luíza explica que quando uma pessoa namora é algo mais sério é aquela coisa que você apresenta para família. Já o

ficar as pessoas se beijam e não conhecem a família, não têm o laço forte que o namoro tem. O adolescente Daniel explica que quando “você namora com a pessoa você tem sentimentos mais fortes como amar a pessoa e quando você fica você não ama a pessoa você só está ali por apego físico. A fala deste adolescente confirma o conceito de ficar apresentado por Chaves (1994) como um relacionamento marcado pela busca do prazer sem compromisso. O adolescente Cadu também diferencia colocando que é algo mais sério e que você conhece a família enquanto o ficar você só fica na festa e pronto. Verena explicou comentando que o ficar é uma fase anterior ao namoro para que a pessoa possa ir se acostumando e conhecendo o outro, mas que não é tão séria quanto ao namoro. Considera o namoro um relacionamento sério, que você já está estabilizado, conhece e está acostumado com a pessoa. A fala da adolescente Verena quando explica o ficar como uma fase que antecede o namoro confirma exatamente as palavras de Stengel (2003) quando explica que o ficar também é considerado como um período que antecede o namoro. “O ficar pode ser pensado como etapa prévia ao pedido de namoro, ao projeto de permanência nas relações amorosas” (STENGEL, 2003, p.14). Assim como a literatura aponta o ficar como a flexibilização do tempo, marcado pelo efêmero, brevidade onde pessoa tem a possibilidade de viver experiências sem compromissos (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004) os oito adolescentes têm a mesma percepção do ficar explicando que é marcado pela falta de compromisso e possibilidade de ficar com pessoas diferentes. Quanto à questão de apresentar a família, dois adolescentes mencionam isso em suas falas confirmando o que foi abordado por Ribeiro (2011) que ao considerarem o relacionamento mais sério e que evoluiu, o adolescente apresenta o par afetivo à família.

Tabela 4 – Experiência de Namoro – Meninos - Salvador, 2019

ADOLESCENTE	COMO COMEÇOU O NAMORO?	O QUE FAZEM QUANDO ESTÃO JUNTOS?
FRED (15 anos)	FIGARAM, FORAM SE APROXIMANDO CADA VEZ MAIS E ELE PEDIU ELA EM NAMORO.	A GENTE CONVERSA SOBRE TUDO, SE DIVERTE, FAZ TUDO.
DANIEL (16 anos)	FIGARAM, SAÍRAM ALGUMAS VEZES E COMEÇARAM A NAMORAR.	A GENTE ALMOÇA JUNTOS, VAI NA CASA UM DO OUTRO SAI PARA VÊ FILME. É TIPO AMIZADE SÓ QUE MAIS ÍNTIMA.
CADU (17 anos)	COMEÇOU FICANDO COM ELA. E EVOLUIU PARA O NAMORO	ASSISTEM FILMES, SAEM PARA JANTAR OU FICAM JUNTOS MESMO SEM FAZER NADA.
LUCA (17 anos)	ERAM AMIGOS, DEPOIS FICARAM ALGUMAS VEZES E COMEÇARAM UM RELACIONAMENTO.	CONVERSAM BASTANTE, ELE COMBINA COM ELA DE NÃO FICAR MUITO TEMPO NO CELULAR, ELE PREFERE OLHAR NO OLHO E FALAR SOBRE A VIDA.

Tabela 5 – Experiência de Namoro – Meninas - Salvador, 2019

ADOLESCENTE	COMO COMEÇOU O NAMORO?	O QUE FAZEM QUANDO ESTÃO JUNTOS?
JULIANA (16 anos)	FICAMOS AMIGOS DEPOIS COMEÇAMOS A NAMORAR.	A GENTE CONVERSA MUITO, A GENTE GOSTA MUITO DE DAR RISADA, PROCURAMOS FAZER COISAS NOVAS, ASSISTIR FILMES... TENTAR VARIAR NÉ?
VALENTINA (16 anos)	COMEÇOU FICANDO DEPOIS VIROU NAMORO.	A GENTE CONVERSA MUITO, SAÍMOS, ASSISTIMOS FILMES. FAZEMOS MUITA COISA. NÃO É UMA COISA MONÓTONA.
LUÍZA (17 anos)	A GENTE FICOU, AÍ FOI FICANDO SÉRIO ELE ME PEDIU EM NAMORO E COMEÇAMOS A NAMORAR.	A GENTE SAI MUITO, A GENTE VAI PRA FESTAS JUNTOS, VIAJA, SAI PARA JANTAR, CINEMA, ÀS VEZES FICA EM CASA VÊ FILME, VAI PARA PISCINA, PRA PRAIA.
VERENA (16 anos)	ÉRAMOS AMIGOS, EU FREQUENTAVA A CASA DELE E ELE A MINHA. DEPOIS FICAMOS UMAS 4 VEZES E ELE ME PEDIU EM NAMORO.	COMO VEJO ELE SÓ NO FINAL DE SEMANA PORQUE ELE É DE OUTRA ESCOLA, A GENTE SAI PARA JANTAR, EU VOU PRA CASA DELE, VER FILME, FICAR CONVERSANDO.

5.2.3 Experiência de namoro

Quando questionados sobre o número de namorados quatro adolescentes (Juliana, Luíza, Daniel e Luca) responderam já ter tido três namorados (as). Verena respondeu ter tido dois namorados e Valentina e Fred responderam apenas esse relacionamento. Isso demonstra a facilidade que os adolescentes começam e terminam o namoro mostrando que apesar de levarem a sério o relacionamento agindo de forma fiel e comprometida, a metade dos adolescentes entrevistados já tiveram três experiências de namoro demonstrando assim que os relacionamentos e vínculos ocorrem de forma breve e líquida na atualidade, como afirma Bauman (2004) Diferenciando-se do comportamento à época do chamado namoro tradicional no qual o namoro evoluía para o noivado e posteriormente para o casamento sem quebra de vínculos (AZEVEDO, 1986).

5.2.4 Início do namoro

Quando questionados sobre como começou o namoro, os oito adolescentes explicaram que começaram o namoro depois que já tinham ficado algumas vezes com a pessoa. Quatro adolescentes comentaram que começaram através da amizade, depois passaram a ficar e virou namoro. Como explica Verena “Ele sempre foi muito meu amigo e aí ele sempre conviveu na minha casa e eu convivia na casa dele e aí a gente ficou umas quatro vezes e aí depois ele me pediu em namoro”. A adolescente Valentina conta que conheceu o atual namorado em uma festa, depois ficou com ele algumas vezes e foi feito o pedido de namoro. O adolescente Luca

comenta que “a princípio foi na amizade mesmo e acabou a gente marcando, se encontrando e ficando algumas vezes e começamos um relacionamento e estamos até hoje”. Esse comportamento dos adolescentes quanto ao início do namoro coaduna com entendimento explicado por Stengel (2003) quando a autora afirma que quando ocorre uma repetição ou eventualidade nas “ficadas” o relacionamento acaba evoluindo para o namoro podendo existir o pedido formal do namoro ou não. No caso dos oito adolescentes da pesquisa, as quatro adolescentes foram pedidas em namoro e três adolescentes mencionaram que pediram as namoradas em namoro. O que demonstra ainda uma herança muito forte do namoro tradicional enfatizado por Azevedo (1986) de que era comum que os rapazes pedissem as moças em namoro. Observa-se que o relacionamento se inicia de forma breve e líquida (BAUMAN, 2004) a partir das ficadas, mas que pode evoluir para algo mais sério e íntimo como o namoro. O namoro que por sua vez ao acontecer é levado à sério, por ser marcado pela fidelidade, compromisso e respeito demonstrando alguns elementos do namoro tradicional sugerido por Azevedo (1986) no entanto, também pode ser caracterizado pela brevidade ou associado ao amor confluyente entendido como aquele amor ao qual o seu fim é uma possibilidade real (JUSTO, 2005) ou ao amor puro tendo em vista que no instante que este não satisfaça mais algum dos pares é finalizado demonstrando a busca pela auto satisfação das pessoas (GIDDENS, 1993). Isto pode ser constatado ao analisar a quantidade de namorados (as) que os adolescentes mencionaram já terem tido apesar da pouca idade (dos oito adolescentes entrevistados quatro já tiveram três relacionamentos anteriores).

Tabela 6 – Família e Namoro – Meninos - Salvador, 2019

ADOLESCENTE	CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA	COMO SEUS PAIS/ FAMILIARES LIDAM COM O SEU NAMORO?	RELAÇÃO FAMILIAR APÓS NAMORO
FRED (15 anos)	É QUANDO VOCÊ PODE FALAR TUDO QUE VOCÊ QUER, TAMBÉM PODE SE SENTIR À VONTADE PARA FAZER QUALQUER COISA E ELAS VÃO TE APOIAR.	SUPER BEM PORQUE GOSTAM DELA!	NÃO MUDOU NADA NÃO!
DANIEL (16 anos)	SÃO AS PESSOAS QUE VOCÊ COMPARTILHA AS RELAÇÕES DE SANGUE.TEM O MESMO SANGUE QUE VOCÊ. ESSAS COISAS ASSIM.	ELES SÃO "SUPPORTIVOS" APOIAM MUITO O NAMORO. NÃO TEM NENHUM PROBLEMA DE EU NAMORAR COM A PESSOA.	EU TENHO PASSADO MENOS TEMPO COM A FAMÍLIA, PORQUE TENHO QUE PASSAR MAIS TEMPO COM ELA. EU TENTO DIVIDIR AS COISAS CERTINHO. MAS NÃO TEM SAÍDA, EU TENHO QUE PASSAR UM POUCO MAIS DE TEMPO COM ELA.
CADU (17 anos)	FAMÍLIA É FAMÍLIA. AH NÃO SEI EXPLICAR NÃO.	ELES CONHECEM MINHA NAMORADA E ELA VAI ALMOÇAR LÁ EM CASA E TAL... E EU VOU PRA CASA DELA TAMBÉM. APOIAM O NAMORO.	EU SÓ PASSO MENOS TEMPO COM MEUS PAIS. EU SAIO E FICO MAIS FORA DE CASA.
LUCA (17 anos)	EU NÃO VEJO MUITO COM RELAÇÃO A PARENTESCO. A FAMÍLIA PODE SER PAI, MÃE, DUAS MÃES, OU ATÉ MESMO UMA MÃE SOZINHA CONSEGUIE SUPRIR ESSE PAPEL DE FAMÍLIA.	MEUS PAIS ACEITAM TRANQUILAMENTE MEU RELACIONAMENTO.	EM RELAÇÃO A MINHA FAMÍLIA NÃO MUDOU NADA PORQUE EU SEMPRE SOUBE SEPARAR BEM O QUE É UMA COISA E OUTRA.

Tabela 7 – Família e Namoro – Meninas - Salvador, 2019

ADOLESCENTE	CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA	COMO SEUS PAIS/ FAMILIARES LIDAM COM O SEU NAMORO?	RELAÇÃO FAMILIAR APÓS NAMORO
JULIANA (16 anos)	FAMÍLIA É A BASE. HOJE EM DIA, A MAIORIA DAS PESSOAS QUE TEM DIFICULDADE EM ALGUMA COISA É PORQUE NÃO TEVE UMA ESTRUTURA FAMILIAR MUITO BOA.	BEM ATÉ DEMAIS! PUXAM O SACO E ADORAM!	A RELAÇÃO NÃO MUDOU. ACHO SÓ QUE NOS APROXIMOU MAIS.
VALENTINA (16 anos)	É MINHA BASE BASICAMENTE E EU ACHO MUITO IMPORTANTE ATÉ COMO UM APOIO A TUDO.	MUITO BEM GRAÇAS A DEUS!	NADA MUDOU.
LUÍZA (17 anos)	É MUITO MAIS ACIMA DE SANGUE. É UM LAÇO E SÃO PESSOAS QUE VOCÊ PODE CONFIAR. VOCÊ PODE CONTAR TUDO, DESABAFAR. VOCÊ NÃO VAI SER JULGADA PORQUE VOCÊ SABE QUE É SUA FAMÍLIA.	MINHA FAMÍLIA LIDA MUITO BEM. ELES CONHECERAM MEU NAMORADO E ELES GOSTARAM MUITO. ELES APÓIAM 100% MEU NAMORO. ACHAM QUE É PARA VIDA TODA.	MUDOU PRA MELHOR! MEUS PAIS COMEÇARAM A GOSTAR MAIS DE MIM. MINHA FAMÍLIA ACHOU QUE MEU HUMOR MELHOROU.
VERENA (16 anos)	É TIPO PONTO PRINCIPAL. EU ACHO QUE DÁ FORÇA, ORIENTA E EU DOU MUITO VALOR A MINHA FAMÍLIA.	MINHA MÃE É TIPO ASSIM MUITO TRANQUILA ELA ME APOIOU E TUDO MAIS, ELA GOSTA, MAS ELA TAMBÉM É MUITO CUIDADOSA, COMO EU VEJO ELE NOS FINAIS DE SEMANA... MUITAS VEZES OU ELE VAI PARA MINHA CASA OU VOU PARA DELE. MAS MINHA MÃE PREFERE QUE ELE VENHA PARA MINHA. QUANDO EU VOU PARA LÁ ELA LIGA PRA MÃE DELE E COMBINA TUDO.	NÃO MUDOU MUITA COISA NÃO. MINHA MÃE SÓ ME ORIENTA, ME DÁ CONSELHOS, MAS NADA NEGATIVO NÃO. EU NÃO MORO COM MEU PAI MAS TODOS DA MINHA FAMÍLIA SÃO TRANQUILOS.

5.2.5 Concepção da família

Quando questionados sobre a concepção de família os adolescentes respondem: “acho que família é a base. Hoje em dia a maioria das pessoas que tem dificuldade em alguma coisa é porque não teve uma estrutura familiar muito boa. É o essencial” (Juliana), “minha família para mim é minha base basicamente e eu acho muito importante até como apoio a tudo como ela te ensina muita coisa aprender lidar com as coisas. Para mim é tudo basicamente” (Valentina), “eu acho que família é muito mais acima de sangue. É um laço e são pessoas que você pode confiar você pode contar tudo, desabafar. Que tipo você não vai ser julgada porque você sabe que é sua família. E vai estar todo mundo por você” (Luiza), “são as pessoas que você compartilha as relações de sangue. Tem o mesmo sangue que você. Essas coisas assim” (Daniel), “eu não vejo muito com relação a parentesco. A família pode ser pai, mãe, duas mães, ou até mesmo uma mãe sozinha consegue suprir esse papel de família né? Que eu acho que é mais uma entidade de suporte ao indivíduo” (Luca). Desta forma, diante das falas dos adolescentes, percebemos que eles reconhecem a importância da família nas suas vidas, a família é compreendida como fonte de apoio, suporte e confiança. Pensamentos estes que coadunam com a literatura “A família é e permanece a base estrutural mais essencial da sociedade,” (DONATI, 2011 p. 99). Assevera Petrini (2009, p. 114) que a “família configura o *habitat* mais adequado para receber o ser humano não somente na fase inaugural na vida, como também nas outras etapas de sua trajetória”. Apresenta, o mesmo autor, a família como sendo uma premissa “do processo de humanização, que enraíza a pessoa no tempo, através

das relações de parentesco, destinados a permanecer durante toda a existência” (PETRINI, 2009, p. 116).

5.2.6 Comportamento da família em relação ao namoro

Quando questionados sobre como seus pais ou família lidam com seu namoro os oito adolescentes mencionaram que a família lida de forma superpositiva em relação ao namoro dos filhos. “Que a família apóia, trata bem, “puxa o saco” e até passou a gostar mais da própria filha depois que ela começou a namorar como é exemplificado pelas falas das adolescentes: “meus pais começaram a gostar mais de mim. Minha família achou que mudei muito em relação como eu me comportava com meus pais. Meu humor, essas coisas (Luíza), “Bem até demais! Puxam o saco adoram! Acho que só nos aproximou mais” (Juliana), “Eles conhecem minha namorada e ela vai almoçar lá em casa e tal e eu vou almoçar na casa dela também. Apóiam o namoro”. (Cadu). Dois adolescentes comentaram que depois do namoro passaram a ficar menos tempo com a família “Eu tenho passado menos tempo com a família, porque tenho que passar mais tempo com ela (Diego)”. “Eu só passo menos tempo com meus pais e saio e fico mais tempo fora de casa” (Cadu). A questão mencionada do tempo menor despendido aos familiares é apontada como normal e previsível pela literatura que explica que nesta fase do namoro e da adolescência é comum que os filhos se distanciem um pouco dos pais e passem a fazer programações entre os pares e amigos. Durante a adolescência é natural que os adolescentes se afastem dos vínculos dos pais e se aproximem mais dos amigos (TIBA, 2005). Quando os jovens vão adquirindo maturidade, vão perdendo o interesse pelas práticas e programações familiares optando mais pela companhia dos amigos (FENWICK; SMITH, 1996). Na adolescência por vezes ocorre um afastamento em relação à dependência dos pais da infância. O jovem na procura por sua identidade adulta acaba transitando em diferentes grupos sociais, encontrando outros valores e modelos de comportamento considerando como um caminho para adquirir a independência subjetiva em relação aos pais (BRETAS; MORENO; EUGENIO; SALA; VIEIRA e BRUNO, 2008).

Quanto ao ótimo relacionamento da família em relação ao namoro dos filhos como foi relatado pelos oito adolescentes, isto demonstra uma mudança no comportamento da família que passa a entender e conviver de forma supranatural com o namoro dos filhos, os pais estão mais flexíveis e moderados em relação à autoridade, sendo mais tolerantes, procurando se aproximar mais dos filhos. Como explica Kaloustian (1994) que é notável que o

relacionamento entre pais e filhos venha passando por muitas mudanças e conquistas, revelando que no lugar de antigos modelos baseados na autoridade e disciplina percebe-se a adoção de posturas mais abertas a negociações e tolerância. “A relação entre o adolescente e seus pais nem sempre é pautada por conflitos e dificuldades” (STENGEL, 2003, p.140). Explica Kublikowisk (2018) que as famílias com adolescentes vêm passando por mudanças nas relações com os filhos, ocorrendo uma nova postura dos papéis dos pais, principalmente no que tange aos limites e flexibilização de regras. No entanto, a mesma autora reconhece ser possível a ocorrência de conflitos familiares em decorrência do afastamento em relação aos pais e a maior aproximação dos amigos (STENGEL; FRICHE, 2018).

A adolescente Verena foi à única que enfatizou que apesar da mãe ser super tranquila e apoiar o namoro, a mãe demonstra um comportamento cuidadoso com ela preferindo que o namorado vá a casa dela ao invés dela ir à casa do namorado e que quando ela permite que a filha vá à casa do namorado a mãe liga antes para a mãe do adolescente “ela tipo combina com a mãe dele e tudo mais”. Esta atitude da mãe de Verena demonstra uma preocupação e cuidado para zelar a imagem e reputação da filha.

Quando questionados se mudou algo em suas relações familiares após o namoro quatro adolescentes responderam que nada mudou. Outros falaram que não mudou exceto a questão de passar menos tempo com a família (Daniel e Cadu). Andade (2007) afirma que é muito uma mudança de comportamento em relação à família principalmente no que tange a questão do tempo e a atenção dada ao seu par o que pode resultar em modificações positivas ou negativas na dinâmica familiar. Juliana respondeu “acho que só nos aproximou”, Luísa respondeu que “mudou para melhor! Meus pais começaram a gostar mais de mim! Daniel e Helena comentaram que a mãe passou a dar mais orientações e conselhos após o namoro, mas que não é nada negativo.

Tabela 8 – Namoro na Escola e relação com os Amigos – Meninos- Salvador, 2019

ADOLESCENTE	COM QUEM VOCÊ SE SENTE À VONTADE PARA FALAR SOBRE NAMORO?	COMO SUA ESCOLA TRATA A QUESTÃO DO NAMORO?	RELAÇÃO COM OS AMIGOS APÓS NAMORO
FRED (15 anos)	COM MEUS AMIGOS. FALO POUCO COM A MINHA FAMÍLIA	NÃO TEM NADA CONTRA. MAS NÃO PODE FICAR SE BEIJANDO LÁ NA ESCOLA QUE AÍ ELES RECLAMAM.	NÃO MUDOU NADA NÃO. SÓ MUDOU QUE EU COMECEI A SAIR MENOS O QUE É NORMAL EM UM RELACIONAMENTO.
DANIEL (16 anos)	COM MEUS AMIGOS.	ELA NÃO É DA MINHA ESCOLA. NA MINHA ESCOLA FICAR SE BEIJANDO, ESSAS COISAS ASSIM NOS CORREDORES NÃO É MUITO LEGAL.	ELES RECLAMAM PORQUE NÃO SÃO TIPO A FAMÍLIA. ELES FALAM QUE EU PASSO MAIS TEMPO COM ELA.
CADU (17 anos)	COM MEUS AMIGOS. E COM MINHA MÃE ÀS VEZES.	SÓ NÃO PODE FICAR ASSIM SE BEIJANDO NO COLÉGIO.	NÃO MUDOU. MAS ÀS VEZES EU FICO MENOS TEMPO COM ELES PORQUE ESTOU NAMORANDO.
LUCA (17 anos)	COM MEUS PAIS E UM POUCO COM MEUS AMIGOS.	QUANDO EU ERA MAIS NOVO ACHAVA QUE ISSO TINHA ALGUM PROBLEMA, ASSIM QUE ERA MAL VISTO. ACHO QUE ISSO NÃO É PAPEL DO COLÉGIO.	MUITOS AMIGOS MEUS TAMBÉM NAMORAM. ENTÃO A GENTE ACABOU ATÉ CONCILIANDO ISSO. ACABAMOS SAINDO ENTRE CASAIS.

Tabela 9 – Namoro na Escola e relação com os Amigos – Meninas - Salvador, 2019

ADOLESCENTE	COM QUEM VOCÊ SE SENTE A VONTADE PARA FALAR SOBRE NAMORO?	COMO SUA ESCOLA TRATA A QUESTÃO DO NAMORO?	RELAÇÃO COM OS AMIGOS APÓS NAMORO
JULIANA (16 anos)	COM QUALQUER PESSOA QUE TIVER ASSIM CURIOSIDADE. EU COSTUMO CONVERSAR MUITO COM MINHA MÃE. E EU TENHO MUITAS AMIGAS TAMBÉM QUE A GENTE CONVERSA SOBRE ISSO.	ACHO QUE ELES NÃO FALAM MUITO SOBRE ISSO. FALAM MAIS QUE É UMA COISA POR FORA NÉ?	SÓ MUDOU DE FORMA POSITIVA PORQUE ALÉM DE EU TER OS MEUS AMIGOS. EU FIZ NOVAS AMIZADES.QUE SÃO DO MEU NAMORADO .
VALENTINA (16 anos)	COM QUALQUER PESSOA A DEPENDER DO ASSUNTO, MAS EU SOU MUITO ABERTA PRA FALAR SOBRE NAMORO. CONVERSO COM MINHA MÃE.	SINCERAMENTE ELA NÃO TEM NOÇÃO DE NADA PORQUE MEU NAMORADO NÃO ESTUDA NO MESMO COLÉGIO QUE EU.	NÃO MUDOU NADA. FICO COM MINHAS AMIGAS DURANTE A SEMANA E NO FIM DE SEMANA COM MEU NAMORADO.
LUÍZA (17 anos)	EU ME SINTO A VONTADE PARA FALAR PRINCIPALMENTE COM MEUS AMIGOS E COM MINHA FAMÍLIA. COM MEUS PROFESSORES NÃO PORQUE NÃO É AQUELE VÍNCULO.	NA ESCOLA TEM MUITO PROBLEMA EM RELAÇÃO AO NAMORO. SÓ QUE MEU NAMORO NUNCA FOI PROBLEMA PORQUE A GENTE RESPEITA MUITO AS REGRAS E TIPO NUNCA FOI PROBLEMA. A GENTE NUNCA FOI CHAMADO ATENÇÃO.	MINHAS AMIZADES NÃO MUDARAM PRA NADA NEGATIVO, ELAS CONTINUARAM A MESMA COISA.
VERENA (16 anos)	COM MEUS AMIGOS. EU FICO COM VERGONHA... ÀS VEZES MINHA MÃE PUXA O ASSUNTO ASSIM, MAS EU NÃO SOU MUITO DE FALAR NÃO.	ASSIM OS PROFESSORES SÃO BEM TRANQUILOS, MAS ELES NÃO GOSTAM DE NENHUM TIPO DE RELAÇÃO NEM NADA DENTRO DA ESCOLA.	NÓS TEMOS AMIGOS PRÓXIMOS. MAS MUDOU ALGO TIPO CIÚME. EU SÓ VEJO ELE NO FIM DE SEMANA AI TENHO QUE DOSAR DE VER ELE E VER MEUS AMIGOS.

5.2.7 Amizades e namoro

Quando questionados sobre com quem eles se sentem à vontade para conversar sobre namoro apesar dos oito adolescentes relatarem que se dão super bem com a família após o namoro, dos oito adolescentes cinco responderam ser os amigos as pessoas as quais eles se sentem mais à vontade. “Com meus amigos! Falo pouco com a família sobre isso” (Fred), “Com meus amigos. Eu fico com vergonha... Às vezes minha mãe puxa assunto assim, mas eu não sou muito de falar não” (Verena) “Eu me sinto à vontade de falar com meus amigos e com minha família às vezes. Com os professores não porque não é aquele vínculo” (Luiza). As falas dos adolescentes coadunam com a explicação dada por Stengel (2003) no que se refere à dificuldade entre os pais em conversar sobre namoro ou sexualidade com os filhos. Os pais demonstram desconforto quanto a este assunto seja pela dificuldade de admitir que os filhos já cresceram ou por vergonha mesmo de tocar nesta questão. Os adolescentes se sentem mais à vontade de tratar desse assunto com os pares etários que podem dividir experiências que vivenciam na mesma fase como é apontado pelos dados da pesquisa da Secretaria Nacional da Juventude realizada no ano de 2013 sobre o perfil e opinião dos jovens brasileiros. Neste sentido, evidencia-se que os amigos possuem um papel de forte influência e presença importante na vida afetiva dos adolescentes inclusive exercendo a função de confidente (STENGEL, 2003). Na fase da adolescência os vínculos de amizade ficam ainda mais fortes e notáveis. Os amigos desta forma, possuem uma função muito importante, a maioria dos adolescentes costuma compartilhar dúvidas, experiências e segredos com os amigos contribuindo para formação da identidade e personalidade destes jovens. A

semelhança é um elemento importante entre amigos. Esta similitude pode ocorrer em razão da idade, gênero, nível social entre outras questões. Os amigos são como fontes de apoio emocional e social (PEREIRA; GARCIA, 2007). Em relação à conversa sobre sexualidade entre pais e filhos, é preciso que tanto os pais quanto os filhos desejem dialogar sobre esta temática e que os envolvidos procurem agir de forma natural e verdadeira resultando em uma conversa mais significativa (ZAGURY, 2004).

Quando questionados sobre se algo mudou em relação às amizades após o namoro sete adolescentes responderam que nada mudou, mas depois comentaram que só a questão de ficar menos tempo com os amigos para ficarem com os respectivos pares. Como explica Fred: “na relação com meus amigos não mudou nada. Só mudou que eu comecei a sair menos que é normal em um relacionamento, mas, continuo saindo com quase a mesma proporção que saía antes”. “Às vezes eu fico menos tempo com eles porque estou namorando” (Cadu). Luca e Juliana comentaram que eles consideram que ganharam mais amigos porque também saem com os amigos dos pares. Luca acrescenta que os amigos dele estão namorando e que eles saem juntos com as namoradas. Apenas Verena comentou que apesar de eles terem amigos próximos mudou coisas tipo ciúme e cobrança para que ela decida com quem ela vai sair. De acordo com Ribeiro et al. (2011), durante o namoro, uma vez que a relação está sendo vivenciada de forma mais séria, pode ser que ocorram sentimentos como ciúme e a desconfiança entre os pares podendo gerar conflitos entre o casal como o controle de horários e cobranças de atitudes como descreveu a fala da adolescente Verena.

5.2.8 Escola e namoro

Quando questionados sobre como a escola trata a questão do namoro, os oito adolescentes explicaram que na escola não é permitido ficar se beijando nos corredores e na sala (no ambiente escolar). Que a escola não tem nada contra, mas desde que eles respeitem essas regras. “Mas na minha escola ficar se beijando, essas coisas assim nos corredores não é (sic) muito legal. Mas a gente tenta ser mais discreto” (Daniel). “Não tem nada contra. Mas não pode ficar se beijando lá na escola que aí eles reclamam” (Fred). “Na escola tem muito problema em relação a namoro. Só que meu namoro nunca foi problema porque a gente respeita muito as regras e tipo a gente nunca foi chamado atenção” (Luíza). Desta forma, de acordo com as falas dos adolescentes, a escola impõe regras proibindo o contato íntimo dentro deste ambiente. De acordo com a literatura, a família e escola exercem contribuições

diferentes, mas complementares. A escola colabora com os ensinamentos que já foram transmitidos pela família. É fundamental o papel do professor como um educador sexual na escola e este deve se reciclar para que contribua de forma eficaz com esta função (FONSECA, 2004). No entanto, nenhum adolescente respondeu se sentir à vontade para tratar deste assunto com os professores, ao contrário, uma adolescente disse que não possui vínculo com professor para tratar desta questão (Luíza). As escolas deveriam propiciar um ambiente que permitisse aos adolescentes se sentirem à vontade para refletirem, discutirem e questionarem sobre este assunto para que eles socializem as dúvidas e dificuldades vivenciadas nesta fase.

Tabela 10 – Perspectivas sobre casar e ter filhos – Meninos – Salvador, 2019

ADOLESCENTE	PERSPECTIVAS FUTURAS DO NAMORO	CONCEPÇÃO E PRETENSÃO SOBRE CASAMENTO	QUANTO A PRETENSÃO DE TER FILHOS	MUDOU ALGO EM SUA VIDA APÓS O NAMORO?
FRED (15 anos)	SE A GENTE CONTINUAR EU QUERO TER UM FUTURO COM ELA.	É VOCÊ CRIAR UMA FAMÍLIA. PRETENDE SE CASAR. PARA FAZER UMA FAMÍLIA.	PRETENDE TER FILHOS. DOIS NO MÁXIMO.	O NAMORO ME FEZ AMADURECER E TIPO AMADURECER COM A VIDA.
DANIEL (16 anos)	EU NAMORO PORQUE TENHO A INTENÇÃO E PENSO QUE CONSIGO PASSAR O RESTO DA MINHA VIDA COM ELA. EU GOSTO DELA DE VERDADE, AMO! ENTÃO QUEM SABE VÁ PRO FUTURO.	É QUANDO AS PESSOAS CHEGAM NO NÍVEL MÁXIMO DE INTIMIDADE E SÓ NAMORAR NÃO É O SUFICIENTE E AS PESSOAS SE CASAM. PRETENDE SE CASAR QUANDO CHEGAR NESSE NÍVEL DE INTIMIDADE COM ALGUÉM.	PRETENDE TER FILHOS. É O FRUTO DA INTIMIDADE QUE VOCÊ TEM COM A PESSOA.	EU TENTO MOVER A MINHA VIDA EM FUNÇÃO DAS COISAS QUE EU QUERO FAZER JUNTO COM ELA, BALANCEAR AS COISAS ENTRE ELA E MEUS AMIGOS E MINHA FAMÍLIA. TENTO EQUILIBRAR TUDO ISSO.
CADU (17 anos)	É NÃO SEI. ESPERO QUE TENHA ALGUM FUTURO. MAS EU VOU FAZER FACULDADE FORA... ENTÃO NÃO SEI. MAS ESPERO QUE A GENTE FIQUE JUNTOS.	CASAMENTO É CASAMENTO! A PESSOA ESTÁ CASADA, TER FILHO, MORAR JUNTO. ACHO QUE SIM, MAS TÁ MUITO LONGE AINDA! MAS ACHO IMPORTANTE.	NÃO SEI! ACHO QUE SIM! PARA TER ALGUÉM QUE EU POSSA CONTAR QUANDO EU TIVER MAIS VELHO.	ANTES EU SAÍA MAIS COM MEUS AMIGOS E TAL. SAÍA PARA MAIS FESTAS E AGORA EU FICO MAIS EM CASA OU NA CASA DA MINHA NAMORADA.
LUCA (17 anos)	VAI DEPENDER DA FACULDADE PORQUE VOU TENTAR FAZER FACULDADE EM SÃO PAULO. E SE EU CONSEGUIR ISSO VAI AFETAR PROVAVELMENTE O NAMORO.	CASAMENTO PARA MIM É QUANDO DUAS PESSOAS ASSUMEM O COMPROMISSO DE ESTAREM JUNTOS ALÉM DO NAMORO NO CASO, É ALGO A MAIS PORQUE NÃO PENSA SÓ EM ESTAR JUNTO E SIM CONSTRUIR UM FUTURO, ALGO QUE SEJA COMPARTILHADO PELOS DOIS. PRETENDE SE CASAR.	PRETENDE.	EM RELAÇÃO AOS MEUS ESTUDOS NÃO MUDOU MUITA COISA PORQUE EU SEMPRE TIVE HÁBITO DE ESTUDO. ACHO QUE ISSO FAZ PARTE DA MATURIDADE DA PESSOA.

Tabela 11 – Perspectivas sobre casar e ter filhos – Meninas – Salvador, 2019

ADOLESCENTE	PERSPECTIVAS FUTURAS DO NAMORO	CONCEPÇÃO E PRETENSÃO SOBRE CASAMENTO	QUANTO A PRETENSÃO DE TER FILHOS	MUDOU ALGO EM SUA VIDA APÓS O NAMORO?
JULIANA (16 anos)	TEM A INTENÇÃO DE SE APROXIMAR MAIS E SE INSERIR MAIS NA VIDA DELE. PARA QUE SE SINTA MAIS FELIZ.	ACHO QUE É UM COMPROMISSO MAIOR AINDA. É VOCÊ SER O MELHOR AMIGO, SER O PORTO SEGURO. É MUITA CONFIANÇA ENVOLVIDA. PRETENDE SE CASAR	QUERO TER FILHOS! É O MEU SONHO!	AGORA EU TENHO UMA PESSOA QUE EU DEDICO MEU TEMPO E QUE EU PASSO TEMPO JUNTO ALÉM DOS MEUS AMIGOS E DA MINHA FAMÍLIA. É ALGUÉM A MAIS NA FAMÍLIA.
VALENTINA (16 anos)	ESPERA QUE DURE!	É UM PASSO MUITO IMPORTANTE QUE VOCÊ TEM QUE ESTAR BEM DECIDIDO. PRETENDE SE CASAR.	PRETENDO TER FILHOS, MAS DAQUI A MUITO TEMPO. EU GOSTO DE CRIANÇAS.	MUITAS COISAS! NO MOMENTO NÃO ME VEM A CABEÇA. MAS EM RELAÇÃO À MATURIDADE E COMPORTAMENTO, A COMO LIDAR COM AS COISAS.
LUÍZA (17 anos)	EU ME VEJO MUITO NO FUTURO COM ELE! EU IMAGINO EU CRESCENDO COM ELE. TENDO UMA RELAÇÃO ACIMA DO NAMORO.	É UM PASSO A MAIS. É VOCÊ FIRMAR O RELACIONAMENTO COM A PESSOA. É VOCÊ REALMENTE ACEITAR E BOTAR QUE É O QUE VOCE QUER PARA SUA VIDA. PRETENDE SE CASAR!	EU QUERO TER FILHOS PORQUE EU ACHO QUE ELAS NÃO SÓ ETERNIZAM VOCÊ NO MUNDO COMO VOCÊ TAMBÉM APRENDE A TER MAIS RESPONSABILIDADE.	O QUE MUDOU FOI A QUESTÃO DA AUTO-ESTIMA. ELA MELHOROU MUITO DEPOIS QUE EU COMECEI A NAMORAR. EU FOCUEI MAIS NO MEU ESTUDO E EU TIVE O INCENTIVO DELE. A MINHA FAMÍLIA CONFIU MAIS EM MIM E EU ME DEI MAIS VALOR.

<p>VERENA (16 anos)</p>	<p>FICA MEIO RECEOSA DE PENSAR SOBRE ISSO POR SE CONSIDERAR MUITO JOVEM. MAS ESPERA QUE DURE BASTANTE TEMPO.</p>	<p>EU ACHO QUE É UMA GRANDE RESPONSABILIDADE, ACHO QUE VOCÊ TEM QUE PENSAR MUITO ANTES DE LIDAR COM UM COMPROMISSO ASSIM TÃO SÉRIO COM ALGUÉM. PRETENDE SE CASAR QUANDO TIVER MAIS MATURIDADE E MUITO TEMPO COM ALGUÉM.</p>	<p>PRETENDO. QUANDO EU ESTIVER MAIS ESTÁVEL. EU PRETENDO TER NO MÍNIMO UNS 2 FILHOS MAS EU QUERIA TER 4 SE EU TIVER CONDIÇÕES!</p>	<p>EU COMECEI A TER MAIS RESPONSABILIDADE E EU SOU UMA PESSOA MUITO CARINHOSA, MAS ÀS VEZES TAMBÉM SOU GROSSA. EU TENHO MUITO CUIDADO AGORA NA HORA DE FALAR, PENSAR E FAZER TAMBÉM.</p>
------------------------------------	--	---	--	--

5.2.9 Perspectivas do namoro

Quando questionados sobre as perspectivas futuras do namoro, seis adolescentes responderam que esperam que o namoro dure que pretendem se aproximar mais, se tornar mais íntimos. “Espero que dure”! Disse Valentina. “Se a gente continuar eu quero ter um futuro com ela” (Fred). O adolescente Daniel respondeu que “eu namoro porque tenho a intenção e penso que consigo passar o resto da minha vida com ela. Ainda sou adolescente eu sei, tem tudo isso, mas quem sabe velho? Eu gosto dela de verdade, amo! Então quem sabe vá para o futuro? Luca e Cadu também desejam que o namoro dure, mas, pretendem fazer faculdade fora de Salvador e sabem que por conta disso pode acabar o namoro. “Assim vai depender muito da faculdade porque eu vou tentar fazer faculdade em São Paulo. E se eu conseguir isso vai afetar provavelmente o namoro. Pode ser que a gente continue juntos se também os dois quiserem, mas senão eu também não vejo problema em ter que optar por um término né”? (Luca) “É não sei velho espero que tenha algum futuro. Mas eu vou fazer faculdade fora então não sei. “Mas espero que a gente fique junto” (Cadu). A fala de Luca e Cadu revela a prioridade em relação à profissão em face do namoro. Luca menciona de forma explícita que não teria problema algum em terminar o namoro por conta da faculdade ser em outra cidade. Estas falas evidenciam que muitas vezes os jovens pretendem se casar e ter filhos, no entanto, apenas depois que estiverem estabilizados profissionalmente (STENGEL, 2003).

5.2.10 Concepção de casamento

Quando questionados sobre a concepção de casamento três adolescentes responderam que é um compromisso muito mais sério, “é quando duas pessoas assumem o compromisso de estarem juntos além do namoro no caso, é algo a mais porque não pensa só em estar junto e sim construir um futuro, construir uma herança algo que seja compartilhado pelos dois”

(Luca), “Acho que é um compromisso maior ainda... é você ser o melhor amigo, ser o porto seguro é muita confiança envolvida eu acho” (Juliana). Dois responderam que é um passo a mais. “É um passo muito importante que você tem que estar bem decidido em relação à pessoa que você quer se casar porque não é algo banal... você tem que estar com uma pessoa e realmente aceitar bem como ela é. E se dar bem com ela antes mesmo de se casar” (Valentina). Muito importante, um adolescente respondeu que é criar uma família (Fred), outro respondeu que é “casamento é casamento! É a pessoa estar casada, ter filho, morar junto” (Cadu). De acordo com as falas dos adolescentes percebemos que eles consideram o casamento como sendo um relacionamento sério, um compromisso ainda maior, que envolve confiança, amizade, que as pessoas precisam ter um bom relacionamento e aceitar a outra pessoa respeitando o jeito dela.

5.2.11 Perspectivas de casar e ter filhos

Quando questionados sobre o desejo de casar e ter filhos os oito adolescentes disseram que pretendem se casar e ter filhos. “Muito! Quero ter filhos também! É o meu sonho” (Juliana), “Sim. Para fazer uma família, ter filhos”! (Fred). Cadu responde que pretende casar e ter filhos para ter alguém com quem ele possa contar quando estiver velho. Verena foi mais cautelosa ao responder: “eu acho que é uma grande responsabilidade, acho que você tem que pensar muito antes de lidar com um compromisso assim tão sério com alguém. Então eu acho legal. Eu pretendo um dia me casar, mas só quando tiver mais maturidade e muito tempo com alguém. Quanto ao desejo de ter filhos Verena responde que “quando eu estiver estável assim... eu acho que eu vou terminar a faculdade com 22 anos e aí quando eu já tiver meu trabalho e tal... eu pretendo ter no mínimo uns dois filhos mas eu queria ter quatro se eu tiver condições”! As falas de dois adolescentes revelam mais uma vez que pretendem se casar e ter filhos, mas apenas depois que estiverem estabilizados profissionalmente. “A necessidade de profissionalização torna-se um requisito para o casamento, principal projeção na esfera afetiva idealizada pelos adolescentes” (STENGEL, 2003, p. 55). Podemos observar que existe uma manutenção no que tange aos valores tradicionais permeados nas camadas médias populacionais urbanas de Salvador. Observa-se que mesmo o período da adolescência ser conhecido e caracterizado pelo afastamento dos pais e da família, marcada por um convívio mais intenso com grupos de amigos, as respostas dos adolescentes denotam que os princípios transmitidos pela família foram internalizados por estes jovens refletindo no desejo latente de

casar, ter filhos e constituir a própria família demonstrando que a família representa não só um porto seguro e uma fonte de apoio, mas como forte influenciadora e inspiração também na vida dos jovens. O que pode ser confirmado na pesquisa O ciclo vital das famílias brasileiras no que tange a manutenção de valores tradicionais na estrutura das famílias de camadas médias populacionais urbanas brasileiras (MACEDO; KUBLIKOWSKI, 2016).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo geral investigar as dinâmicas de namoro na adolescência e seus desdobramentos no contexto das relações familiares e como objetivos específicos conhecer a concepção de namoro para os adolescentes, investigar como os adolescentes estabelecem as relações de namoro, pesquisar sobre as perspectivas futuras dos jovens em relação ao namoro e estudar como as relações familiares se desdobram em relação ao namoro.

Em relação ao namoro, os adolescentes entendem ser uma forma de compromisso, um tipo de relacionamento sério com a pessoa que você gosta, tem afetividade e até ama, baseado na confiança e fidelidade o que revela alguns elementos do namoro tradicional destacado por Azevedo (1986) diferenciando-se em relação às quebras de vínculos existentes, tendo em vista que, apesar da pouca idade, metade dos adolescentes já possuíram três namorados (diferente do namoro tradicional de antigamente que geralmente vinha seguido do noivado e posteriormente o casamento). Eles consideram que a confiança, fidelidade, cumplicidade e respeito são compromissos que devem ser assumidos por ambos os sexos durante o namoro. Os adolescentes conceituaram o ficar como algo que não é sério que não tem compromisso, tendo a possibilidade de ficar com outras pessoas sem estabelecer nenhum vínculo, baseado mais no apego físico e no prazer momentâneo.

Os oito adolescentes relataram que a relação de namoro foi estabelecida depois que eles já conheciam bem a pessoa, que ficaram algumas vezes e adquiriram intimidade e sentimento por elas, evoluindo, assim, para o namoro. Inclusive todas as adolescentes foram pedidas em namoro evidenciando, ainda, outro elemento da época do namoro tradicional o que é confirmado pela literatura ao explicar que após a repetição de algumas “ficadas” o relacionamento evolui para o namoro (STENGEL, 2003). Dos oito adolescentes entrevistados, quatro começaram a namorar com 14 anos (dois meninos e duas meninas) e um adolescente com 13 anos, revelando que eles realmente começam a namorar cedo, tendo em vista que a pergunta foi feita em relação à idade que eles começaram a namorar e não a que eles começaram a ficar. Eles também relataram que quando a pessoa namora é apresentada a família e que eles passam a conviver com ele que é comum almoçarem e jantarem um na casa do outro e às vezes freqüentar a casa de praia nos fins de semana.

Os participantes relataram que possuem um bom relacionamento com os pais, que estes aceitam e apóiam o namoro. Os adolescentes comentaram que as famílias convivem com

seus respectivos pares afetivos de forma harmônica convidando para participarem ativamente do convívio com a família. Desta forma, constata-se um comportamento dos pais mais liberal, permissivo e flexível permitindo que os adolescentes, além de frequentar a casa dos pares afetivos, possam inclusive em alguns casos até dormir. A família é considerada para eles como base das suas vidas, apoio e “porto seguro”, são as pessoas com as quais eles podem contar e confiar. Os princípios transmitidos pela família aos adolescentes denotam ser respeitados e valorizados por eles. Desta forma, as relações familiares após o namoro são descritas pelos adolescentes como positivas e tranquilas. As famílias dos adolescentes se comportam de maneira harmoniosa e amigável em relação ao namoro dos filhos inexistindo segundo eles, nenhum tipo de conflito em relação a esta temática.

Apesar do bom relacionamento com a família, a maioria dos participantes prefere conversar sobre o namoro com os amigos, apenas dois se sentem à vontade de conversar com a mãe (um menino e uma menina). O que é confirmado com o posicionamento de alguns autores como Stengel (2003) e como foi constatado também pela pesquisa “Agenda Juventude Brasil: Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013” (BRASIL, 2013) sobre a preferência dos adolescentes em conversar sobre sexualidade com os amigos.

Quanto às perspectivas futuras em relação ao namoro, eles desejam que o relacionamento continue. Apenas dois adolescentes comentaram que possa existir dificuldade no andamento do relacionamento tendo em vista que eles pretendem fazer faculdade fora de Salvador e, caso seja necessário, eles terminam o namoro sem problemas. Os oito adolescentes têm a pretensão de casar e ter filhos sendo que uma adolescente mencionou que só após ela conquistar a estabilidade na profissão, o que demonstra que alguns jovens optam por casar e ter filhos realmente só depois da independência financeira.

Conclui-se que a família exerce papel fundamental na vida dos adolescentes transmitindo princípios e ensinamentos e que esta amostra reconhece esta importância valorizando-a e desejando também possuir uma no futuro. Eles assimilaram os preceitos familiares e os consideram essenciais na vida das pessoas, tanto que os oito adolescentes pretendem se casar e ter filhos. As famílias dos adolescentes se comportam de maneira amistosa e receptiva em relação ao namoro dos filhos. Os adolescentes aparentam possuir experiência e maturidade em relação ao namoro sabendo conduzir de forma positiva as relações familiares e de amizade.

As estratégias metodológicas utilizadas permitiram que os objetivos propostos fossem atingidos tendo em vista que o roteiro de entrevista aplicado contemplou quesitos

relacionados a cada um dos objetivos da pesquisa. Ressalta-se que amostra estudada é proveniente das camadas médias populacionais urbanas de Salvador, reconhecendo, portanto as limitações da pesquisa. Desta forma, identificou-se a necessidade de pesquisas futuras que investiguem o namoro na adolescência das camadas mais populares para que seja aprofundado o conhecimento dos jovens nos diferentes contextos sociais.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. 9 ed. Trad. S.M. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- ALTMAN, H. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Rev. Estud. Fem.**, v.15, n. 2, p. 333-356, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000200004>. Acesso em: 20 set. 2018.
- ALVES, Maciel Gabriela. **A construção da identidade do adolescente e a influencia dos rótulos na mesma**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2008. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/GabrielaMacileAlves.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.
- ANASTÁCIO, Z. C. Sexualidade na fase intermédia da adolescência: relacionamentos, comportamentos e conhecimentos. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, p. 695-705, abr. 2010. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10567/1/Texto_INFAD2010_ZeliaAnastacio.pdf. Acesso em: 17 ago. 2019.
- AQUINO, Thiago Antonio Avellar de *et al.* O amor entre os jovens em Tempos de Ficar: Correlatos Existenciais e Demográficos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 32, n. 1, p.112-125, 2012.
- ARANTES, Fernanda Inês Siqueira. **A mulher desdobrável: a articulação entre as esferas pública e privada**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- AZEVEDO, T. **As regras do namoro à antiga**: São Paulo: Ática, 1986.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BECKER, D. **O que é adolescência**. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 36 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BERNI, V. L.; ROSO, A. A adolescência na perspectiva da psicologia social critica. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 126-136, abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/14.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2019.

BILAC, Doriane Braga Nunes. Transformação da Intimidade: homens e mulheres na contemporaneidade na perspectiva da estruturação de Giddens. **Revista Travessias**, v. 6, n. 2, 2012.

BIRMAN, J. Tatuando o desamparo: A juventude na atualidade. *In*: CARDOSO, M. R. (org.). **Adolescentes**. São Paulo: Editora Escuta, 2011.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional** (ABRAPEE), v. 11, n. 1, p. 63-76, janeiro/junho, 2007.

BORGES, A. L.V. Relações de gênero e iniciação sexual de mulheres adolescentes. **Rev. Esc Enferm.**, USP, out/dez., 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000400009. Acesso em: 10 out. 2018.

BRANDÃO, E. R.; HEILBORN, M. L. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1421-1430, jul., 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2006000700007>. Acesso em: 17 set. 2019.

BRASIL. **Lei 8069, de 13 de julho de 1990**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 15 nov. 2018.

BRASIL. **Agenda Juventude Brasil**: Pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros 2013. Brasília: Secretaria Nacional da Juventude, 2013. Disponível em: https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/91/1/SNJ_agenda_2013.pdf. Acesso em: 15 set. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Dispõe sobre Estatuto da Criança e do Adolescente. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 15 nov. 2018.

BRASIL. **Marco legal**: saúde, um direito de adolescentes. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf. Acesso em: 30 abr. 2019.

BRASIL. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. PeNSE 2009. Rio de Janeiro: IBGE: 2009. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv43063.pdf>. Acesso em: 09 set. 2019.

BRÊTAS, S. R. J.; MORENO, S.R.; EUGENIO, S.D.; SALA, P. C. D.; VIEIRA, F.T.; BRUNO, R. P. Os rituais de passagem segundo adolescentes.[on line] Disponível na internet via

http://www.scielo.br/scielo.php?pid+S010321002008000300004&screipt=sci_arttext&ting=en. Acesso em: 03 nov. 2019

CAMPOS, H. M. *et al* . Direitos humanos, cidadania sexual e promoção de saúde: diálogos de saberes entre pesquisadores e adolescentes. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 113, p. 658-669, abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201711324>. Acesso em: 17 set. 2019.

CARVAJAL, G. **Torna-se adolescente**. São Paulo: Cortez, 1996.

CARVALHO, A. M.; SALLES, F.; GUIMARÃES, Marília Marques. **Adolescência**. Belo Horizonte: Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, 2003.

CHAVES, J. **Ficar com**: um novo código entre os jovens. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto: 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DENZIN, N.; LINCLIN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens**. 2ª. Ed Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEL CIAMPO, L. A.; DEL CIAMPO, I. R. L. Adolescência e imagem corporal. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 55-59, 2010. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=246#. Acesso em: 20 set. 2019.

DELA COLETA, A. dos S. M.; DELA COLETA, M. F.; GUIMARAES, J. L. O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela Internet. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 277-285, jun. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a10v13n2.pdf>. Acesso em: 17 set. 2019.

DOLTO, F. **A causa dos adolescentes**. Tradução: Orlando do Reis. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2004.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI**: abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2008.

FLEXOR, Maria Helena Ochi *et al*. História da família no Brasil (Parte I). *In*: BASTOS, Ana Célia de Sousa. **Família no Brasil**: recurso para a pessoa e sociedade. Curitiba, Jaruá, 2015a. p. 23-66.

FLEXOR, Maria Helena Ochi *et al*. História da família no Brasil (Parte II). *In*: BASTOS, Ana Célia de Sousa. **Família no Brasil**: recurso para a pessoa e sociedade. Curitiba, Jaruá, 2015b. p. 67-110.

FONSECA H. Abordagem Sistêmica em Saúde dos Adolescentes e suas famílias. **Rev. Adolescência e Saúde da UERJ**, v. 1, n. 3, p. 6-11, 2004.

FROTA, A. M. M. C. Diferentes Concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, v. 7, n. 1, p. 147-160, abr. 2007.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

KALOUSTIAN, S. M. (Org.) **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 1994.

KUBLIKOWSKI, I. Adolescência estendida ou adultez emergente? A passagem para a vida adulta e o ciclo vital da família. *In*: MOREIRA, L. V. de C.; RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. C. (org.). **Adolescentes e Adolescência: família, escola e sociedade**. Curitiba: CRV, 2018.

JESUS, J. S. O. de. Ficar ou namorar: um dilema juvenil. **Psic.**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 67-73, jun., 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142005000100009. Acesso em: 16 set. 2019.

JUSTO, J. S. O ficar na adolescência e paradigma de relacionamentos amorosos da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia**, v.17, n.1, jan./jun., 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232005000100005>. Acesso em: 16 set. 2019.

LARSON, R. Globalization, societal change and new Technologies: What they mean for the future of adolescence. *In*: LARSON, R.; BROWN, B. B.; MORTIMER, J. **Adolescents preparation for the future: Perils and promise**. A report on the study group on adolescence in the 21 th century. Ann Arbor (MI): The society for Research on Adolescence, 2002.

LEPRE, R.M. **Adolescência e construção da identidade**. 2016. Disponível em: <http://docplayer.com.br/20743719-Adolescencia-e-construcao-da-identidade-ritamelissa-lepre.html>. Acesso em 17 ago. 2016.

LOURENÇO, B; QUEIROZ, L. B. Crescimento e desenvolvimento pueril na adolescência. **Rev. Med.**, São Paulo, v. 89, n. 2, p. 70-75, abr.-jun., 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v89i2p70-75>. Acesso em: 20 set. 2018.

MACEDO, R. M. S de; KUBLIKOWSKI, I. O ciclo vital de famílias brasileiras. *In*: MOREIRA, L. V. de C. (Org.). **Relações familiares**. Curitiba: CRV, 2016. p. 33-53.

MOREIRA, L. V. de C.; RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. C. Adolescentes e sua adolescência: família, escola, sociedade. *In*: MOREIRA, L. V. de C.; RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. C. (org.). **Adolescentes e Adolescência: família, escola e sociedade**. Curitiba: CRV, 2018. p. 23-71.

MULLER, A. P. F.; ALCÂNTARA, M. A. R. Adolescência contemporânea na perspectiva do jovem adulto ‘canguru’ e de seus pais. *In*: MOREIRA, L. V. de C.; RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. C. (org.). **Adolescentes e Adolescência: família, escola e sociedade**. Curitiba: CRV, 2018.

NERY, I. *et al.* Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta paul. enferm.**, v. 28, n. 3, p. 287-292, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201500048>. Acesso em: 20 set.2017.

- OLIVEIRA, D. C. de. *et al.* “Pegar”, “ficar” e “namorar”: representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 60, n. 5, p. 497-502, out., 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000500003. Acesso em: 16 set. 2019.
- OLIVEIRA, R. S. de. **Adolescentes**. Afinal, quem são os aborrecentes?. 2019. Disponível em: <http://jundiagora.com.br/adolescentes-aborrecentes/>. Acesso em: 20 set. 2019.
- OUTEIRAL, J.O. **Adolescer**: Estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a Concepção de Adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97-125, jan./abr. 2008.
- PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION (PAHO); WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Promotion of Sexual Health: Recommendations for Action**. Guatemala: PAHO; WHO, 2000. Disponível em: <http://www.paho.org/english/hcp/hca/promotionsexualhealth.2000>. Acesso em: 13 fev. 2016.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. Tradução Daniel Bueno. 8 ed. Artmed, 2006.
- PEREIRA, N. F.; GARCIA, A. Amizade e a escolha profissional: influência ou cooperação? Disponível em: http://scielo.bvspsi.org.br/scielo.php?pid=s1679339022007000100007&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 05 nov. 2019.
- PETRINI, Giancarlo. Significado social da família. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 16, n.18 e 19, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2316-1752.2009v16n18/19p111>. Acesso em: 14 nov. 2019.
- PICIRILLI, C. C. **Adolescência e juventude no século XXI**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2019.
- PRATTA, E.; SANTOS, M. Família e Adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05.pdf>. Acesso em: 29 set. 2017.
- RELAÇÕES familiares./Lúcia Vaz de Campos Moreira. (Organizadora) – Curitiba: CRV, 2016.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.
- SALLES, A. C. T. da C.; CECCARELLI, P. R. A invenção da sexualidade. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 32, n. 60, p. 15-24, set. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 set. 2019.
- SCREMIN, S. de F. **Sexting: Perigos na internet, um estudo de caso com acadêmicos/as na UFPR – Setor Litoral**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em

Informática e Cidadania) – Universidade Federal do Paraná, Matinhos- Paraná, 2016.

Disponível em:

<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/44887/Sanderson%20de%20Freitas%20Scrimin.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 out.2017.

SOUZA, C. de; PAIVA, I. L. de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudo de Psicologia**, v.17, n. 3, p. 353-360, set.-dez. 2012.

STENGEL, M. **Obsceno é falar de amor?** As relações afetivas dos adolescentes. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

STENGEL, M.; FRICHE, M. O adolescente, seu quarto e as relações familiares contemporâneas. *In*: MOREIRA, L. V. de C.; RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. C. (org.). **Adolescentes e Adolescência**: família, escola e sociedade. Curitiba: CRV, 2018.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, M. M. Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência. **Psicol. estud.**, v.13, n.1, p.105-114, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-7372200800010001>. Acesso em: 29 set. 2018.

VIANNA, L. C. R. **A Idade média**: uma reflexão sobre o mito da juventude na cultura de massa. Brasília: UnB, 1992.

YIN, R. K. **Estudo de caso planejamento e métodos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZAGURY, T. **Encurtando a adolescência**: Orientação para pais e educadores. 10º ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Namoro e adolescência na contemporaneidade

Data _____

Início: _____ Fim: _____

I – Dados de identificação

- 1 – Idade
- 2 – Sexo
- 3- Escolaridade
- 4 -Bairro em que reside
- 5 – Com quem reside

II – Namoro

- 6 - O que é namoro para você?
- 7 – O que você sente quando está namorando?
- 8 - Diferencie namorar e ficar?
- 9 – Num relacionamento de namoro, qual é o compromisso que o namorado assume com a namorada? Por outro lado, num relacionamento de namoro, qual é o compromisso que a namorada assume com o namorado?
- 10 – Com que idade você começou a namorar?
- 11 – Quantos namorados você já teve?
- 12 – Onde você conheceu seu(sua) namorado(a) atual?
- 13 – Como começou o namoro?
- 14 – Há quanto tempo está namorando?
- 15 - O que vocês fazem quando estão juntos?
- 16 – Quais são suas perspectivas futuras em relação ao seu namoro?
- 17 – O que é casamento?
- 18 – Você pretende se casar? Justifique.
- 19 – Você pretende ter filhos? Justifique.

III Namoro, relações na família e na escola.

- 20 – O que é família para você?
- 21 – Como seus pais ou familiares lidam com seu namoro? E outras pessoas da sua família, como elas lidam com seu namoro?
- 22 – Depois que você começou a namorar, mudou alguma coisa nas suas relações familiares? Caso positivo, o que mudou?
- 23 – Depois que você começou a namorar, mudou alguma coisa em relação às suas amizades? Caso positivo o que mudou?
- 24 – O que mudou na sua vida depois de ter começado a namorar?
- 25 – Como a sua escola trata a questão do namoro?
- 26 – Com quem você se sente à vontade para falar sobre namoro? Com seus amigos? Com que membro da sua família você se sente à vontade para falar sobre namoro? Tem mais alguma outra pessoa que você se sente à vontade para falar sobre namoro?
- 27 – Tem mais alguma coisa sobre namoro que você considera importante?

APÊNCIDE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada: “NAMORO E ADOLESCÊNCIA NA COTEMPORANEIDADE”, que será desenvolvida pela pesquisadora Ana Danielle Brito de Souza Duarte, mestranda do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, sob orientação do Dr. Rafael Cerqueira Fornasier, professor do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar as dinâmicas de namoro na adolescência e seus desdobramentos no contexto das relações familiares na atualidade. A participação dele(a) no estudo consistirá em responder questões elaboradas pelos pesquisadores na forma de entrevista. O roteiro de entrevista contém questões relacionadas ao namoro na adolescência e terá duração aproximada de 30 minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, ele(a) poderá desistir de participar sem que sofra qualquer penalização ou prejuízo (Res. 466/12 CNSMS).

Ao decidir participar deste estudo, esclareço que:

- Caso ele(a) não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo;
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a identificação dele(a) será mantida em sigilo, isso é, não haverá chance de ter o nome dele(a) identificado, assegurando-lhe o completo anonimato;
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada, com o seu consentimento, para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas por ele(a), as quais serão posteriormente transcritas; tais gravações serão mantidas sob a guarda dos pesquisadores que, após a transcrição não identificada da mesma, guardarão o conteúdo gravado por cinco anos.
- A participação dele(a) não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa em decorrência dessa entrevista, será ressarcido(a).
- O estudo apresenta benefícios conforme o CNS RES 466/12. Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudar o(a) adolescente a refletir sobre o namoro e o seu relacionamento com a família. Além disso, ampliará o conhecimento científico sobre a temática.
- Há o risco de desconforto em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, a entrevista será interrompida e a pesquisadora dará um apoio ao adolescente.
- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com você e a outra com o pesquisador.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com os pesquisadores, poderá entrar em contato por meio do endereço/telefone: Ana Danielle Brito de Souza Duarte – Telefone: (71) 992542237 / Email: ana.duarte@ucsal.edu.br; Rafael Cerqueira Fornasier – Telefone: (71) 99348-2430/ Email: rafael.fornasier@pro.ucsal.br. Caso queira algum esclarecimento ético, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal, cujo telefone é (71) 3203-8913. Universidade Católica do Salvador – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea – Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador-BA, CEP 40.231-902.

Eu, _____ autorizo, meu(minha) filho(a), a participar deste estudo, estando ciente que ele(a) está livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo. Autorizo, também, a gravação da entrevista.

Local e data: _____

Assinatura do responsável pelo participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada: “NAMORO E ADOLESCÊNCIA NA COTEMPORANEIDADE”, que será desenvolvida pela pesquisadora Ana Danielle Brito de Souza Duarte, mestranda do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, sob orientação do Dr. Rafael Cerqueira Fornasier, professor do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar as dinâmicas de namoro na adolescência e seus desdobramentos no contexto das relações familiares na atualidade. A sua participação no estudo consiste em responder questões elaboradas pelos pesquisadores na forma de entrevista. O roteiro de entrevista contém questões relacionadas ao namoro na adolescência e terá duração aproximada de 30 minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que sofra qualquer penalização ou prejuízo (Res. 466/12 CNSMS).

Ao decidir participar deste estudo, esclareço que:

- Caso você não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo;
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida em sigilo, isso é, não haverá chance de o seu nome ser identificado, assegurando-lhe o completo anonimato;
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada, com o seu consentimento, para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas por você, as quais serão posteriormente transcritas; tais gravações serão mantidas sob a guarda dos pesquisadores que, após a transcrição não identificada da mesma, guardarão o conteúdo gravado por cinco anos.
- A sua participação não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa em decorrência dessa entrevista, será ressarcido(a).
- O estudo apresenta benefícios conforme o CNS RES 466/12. Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudá-lo a refletir sobre o namoro e o seu relacionamento com a família. Além disso, ampliará o conhecimento científico sobre a temática.
- Há o risco de desconforto em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, a entrevista será interrompida e a pesquisadora dará um apoio ao adolescente.
- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com você e a outra com o pesquisador.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com os pesquisadores, poderá entrar em contato por meio do endereço/telefone: Ana Danielle Brito de Souza Duarte – Telefone: (71) 992542237 / Email: ana.duarte@ucsal.edu.br; Rafael Cerqueira Fornasier – Telefone: (71) 99348-2430 / Email: rafael.fornasier@pro.ucsal.br. Caso queira algum esclarecimento ético, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal, cujo telefone é (71) 3203-8913. Universidade Católica do Salvador – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea – Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador-BA, CEP 40.231-902.

Eu, _____ aceito, voluntariamente, participar deste estudo, estando ciente que estou livre para a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo. Autorizo, também, a gravação da entrevista.

Local e data: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____